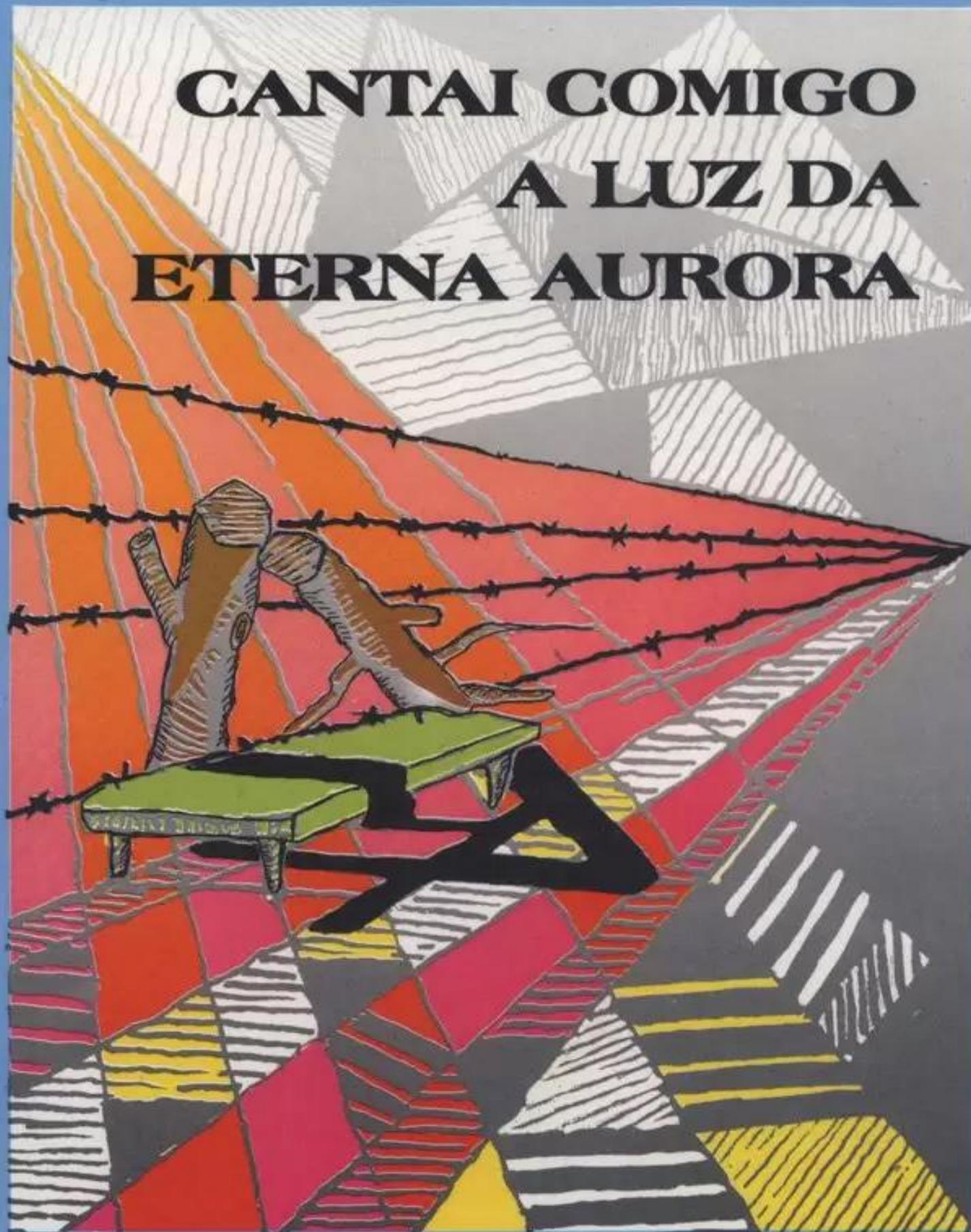


Amilcar Del Chiaro Filho

**CANTAI COMIGO
A LUZ DA
ETERNA AURORA**



*Uma viagem no espaço e no tempo do Kidron
ao Brasil do século XX.*

Prefácio de Nancy Puhlmann Di Girolamo

*Vida Frustrada
74. Loula Jr*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

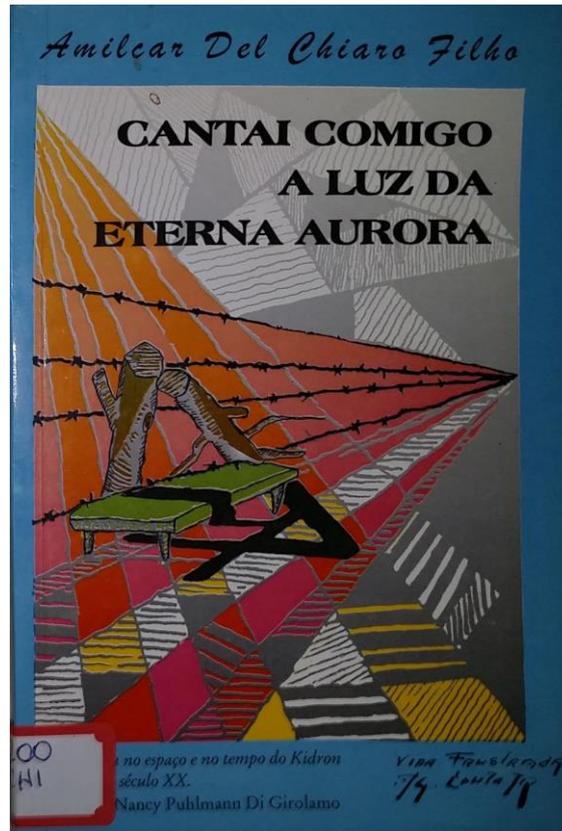
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



CANTAI COMIGO A LUZ DA ETERNA AURORA

3ª EDIÇÃO

SAO PAULO - 1995 -

Agradecimentos

Agradeço a todos que colaboraram para que este livro se tomasse realidade, mas em especial Leonil, Carlos e Marcos, esposa e filhos amados

APRESENTAÇÃO

- *Peço seu parecer sobre esse meu livro e que você escreva a apresentação . . .*
Foi assim que tive o privilégio de conhecer, antes da publicação, essa belíssima história que enlaça Efraim o judeu ao "Samaritano", através dos séculos.
Era domingo. Comecei a leitura pela manhã e não consegui interrompê-la até o final, já ao entardecer. As primeiras palavras produziram o impacto:
"Este livro nasceu do drama de milhões de pessoas..."

Em vários momentos chorei de emoção e de empatia.

Envolveu-nos na dimensão tempo / espaço.

Levou-nos à recuada época dos deuses monstruosos que só concediam suas graças se recebessem crianças nas suas bocas de fogo, depois aos longos anos de tristeza e dor no "Vale dos Leprosos", as esperanças no Rabi Nazareno que falava do reino dos céus conquistado pelo amor e aos dias atuais onde as trevas e as luzes parecem ter atingido o clímax de uma luta decisiva.

O ponto central deste livro tem um registro histórico na convenção do tempo: anos 30 a 33 da Era Cristã. Dez leprosos foram curados pelo mestre Galileu, em resposta a um minuto de fé e suplica, provocado pela exaustão da dor. Entre eles, Efraim e o "Samaritano". Só um voltou para agradecer.

Onde, os outros nove? Efraim estava entre os que regressaram, apressados e jubilosos, para as festas do mundo e da carne. Por que agradecer se a vida plena lhes fora tirada e agora lhes era restituída, por direito, após longa privação?

Este é um lindo livro. Dos mais lindos que tenho lido ultimamente. Há nele a grandeza do depoimento, embora velado e a força da verdade, sem outro intuito senão o de agradecer. Todas as páginas onde as "lágrimas se cristalizaram em letras" são de gratidão. Dessa gratidão emergem alguns nomes como os de Jésus Gonçalves, Lauro de Souza Lima, Conceição da Costa Neves ... e cada um de nós lembra outros nomes, em áreas diferentes, mas muito iguais porque pertencentes à elite das pessoas de bem na Terra, servos da causa do amor.

Da Morfêia à Lepra e à Hanseníase: o caminho do estigma à fraternidade, a vitória da medicina dedicada que viabiliza o laboratório solucionador, do isolamento à libertação, impulsionada pelo esforço dos missionários do progresso cujo êxito se realiza na medida da evolução humana.

Estava predestinado que esse livro fosse escrito e só alguém como o seu autor poderia fazê-lo. Era preciso ter chegado ao alto da própria montanha para analisar os caminhos da encosta e identificar onde estão os verdadeiros "tesouros" da vida.

Tem de ser lido, relido, refletido e divulgado.

É totalmente verídico, na sua essência.

"Nasceu do drama de milhões de pessoas..."

Nancy Puhlmann Di Girolamo

NOTA EXPLICATIVA

Este livro nasceu do drama de milhões de pessoas que, desde as mais recuadas eras, passaram pela Terra marcadas com o ferrete da hanseníase, até há pouco tempo denominada lepra. Um autor mais dramático que estivesse fora do contexto, isto é, escrevendo como observador de fora para dentro, poderia dizer que esses milhões de indivíduos traziam na fronte a marca do pecado, pois, mesmo entre os espíritas é voz corrente que a doença é cármica, embora a palavra carma

nem mesmo faça parte do vocabulário espírita. A nossa visão é outra, embora não neguemos a Lei de Causa e Efeito; mas o leitor perceberá o nosso posicionamento no decorrer da história.

Este é um livro mediúnico? Não. Mesmo assim há trechos que foram ditados pelos espíritos, como os capítulos narrados por Efraim e pelo "Samaritano".

O restante do livro e o alinhamento da história são nossos. As explicações sobre a hanseníase, a biografia do Dr. Lauro de Souza Lima e a história de Anselmo são nossa criação, embora inspiradas pelos espíritos.

A história é verídica? É difícil responder. Na sua parte mediúnica não podemos afirmar que sim, mas temos forte convicção de que é verdadeira. Na sua parte humana não é a história de uma pessoa, muito menos a minha, mas retalhos da vida de milhares de indivíduos, muitos dos quais conhecemos pessoalmente, como pedaços da minha própria alma.

Além da homenagem singela ao médico Lauro de Souza Lima, homenageamos também a todos os hansenianos que passaram pelo nosso mundo desde épocas imemoriais. Escrevo mais com o coração, porque muita coisa presenciei na minha meninice dentro de hospitais para hansenianos; e se algum leitor espera encontrar uma obra literária de valor vai perder o seu tempo, pois esta é uma história onde lágrimas se cristalizaram em letras e a única função deste livro é contar essa história.

Mais um esclarecimento : esta história nasceu de uma mensagem mediúnica que recebemos numa madrugada (aliás, a única que recebemos numa madrugada), a que primeiro transformamos numa palestra e a qual o autor denominou : PRECE DAQUELE QUE NÃO VOLTOU PARA AGRADECER.

PRÓLOGO

Eu sou Efraim e convido vocês para recuarem comigo no tempo e acompanharem a minha narrativa. Esta é uma história muito triste e muito antiga e fica mais triste à medida que recuamos no tempo, e vamos recuar mais de dois mil anos.

O cenário é a Palestina.

O General Pompeu invade Jerusalém e submete Israel, no ano 63 AC. Nosso intuito não é descrever batalhas, nem o cenário político, senão salientar a inteligência do conquistador que permite ao conquistado ter o seu Rei e o seu Sumo Sacerdote, embora ambos nomeados pelos Romanos. Outra medida característica dos Romanos foi o fato de exigir que o povo conquistado falasse o grego.

É importante para a nossa narrativa lembrar que Jesus de Nazaré nasceu durante o reinado de Herodes, o Grande, portanto, antes do início da sua própria era, a Era Cristã.

Nasci em berço rico, pois meu pai era proprietário de uma Quinta produtiva, o que nos dava, apesar dos altos impostos, uma vida financeira folgada. Recebi o

nome de Efraim, o mesmo do meu pai, a quem sucederia na propriedade, pois eu era o primogênito e não tivera mais irmãos.

Minha mãe só engravidou depois de alguns anos de casamento, e como a esterilidade era uma vergonha para o casal, especialmente para a mulher (a culpa sempre recaía sobre ela), meu nascimento suscitou uma grandiosa festa. Apesar de uma gestação problemática nasci forte e bonito, segundo a opinião de todos.

Meu pai distribuiu víveres e vinho para os seus empregados, o que atraiu muitas bênçãos para mim.

Minha infância foi alegre e despreocupada, apesar do meu gênio irritadiço e a minha facilidade para mentir e culpar meus priminhos, ou os filhos dos assalariados do meu pai, pelas traquinagens nem sempre inocentes que eu cometia. Meu pai orgulhava-se da minha esperteza e via, com um sorriso, as minhas saídas de situações difíceis. Minha mãe, ao contrário, entristecia-se e aconselhava-me, não raro com lágrimas nos olhos e parecia prognosticar um futuro sombrio para mim.

Os anos passaram céleres, e quando eu tinha oito anos de idade nasceu um outro personagem desta história, aliás, o seu verdadeiro personagem, um Samaritano. Sim! Um Samaritano, a quem eu desprezei por muito tempo. O interessante é que eu nunca soube o seu nome. Para mim era apenas o Samaritano, e este nome soava com o peso do preconceito. Por motivos que eu desconhecia naquela época, ele estaria indelevelmente ligado à minha vida.

Quando eu tinha mais ou menos treze anos e o Samaritano era ainda um menino, nasceu aquele que veio dividir o tempo em duas eras, Jesus Ben Josef, ou Jesus, filho de José, que mais tarde seria chamado de Nazareno, por manter os cabelos compridos e a castidade. Ele viera para a maior missão de luz e amor que a humanidade já conhecera, e um dia, eu e o Samaritano teríamos um inesquecível encontro com ele.

Capítulo I AS MANCHAS DA IMPUREZA

Eu amava aquela Quinta com a sua vivenda, e não precisando trabalhar como os jovens da minha idade, passeava pelos vinhedos e olivais procurando ninhos de pássaros e locais que servissem de esconderijos para os meus tesouros imaginários, e onde eu sonhava com um exército capaz de expulsar os "goins" da nossa abençoada Israel.

Um dia ví uma linda adolescente e apaixonei-me perdidamente por ela, jurando que ela seria minha esposa, custasse o que custasse. Corria então para o meu esconderijo preferido e ali embalava os meus sonhos de amor. Minha mãe, como sempre, preocupou-se muito, mas meu pai ria dos meus sonhos infantis, dizendo

que aquilo era capricho de criança e logo cessaria. Mas a paixão perdurou até que atingi a idade para que meu pai fosse pedir a mão da moça em casamento para mim. Não houve dificuldades, porque a aliança entre as duas famílias era desejada por todos. Somente Judite não foi consultada, porque, como mulher, cabia-lhe apenas obedecer.

Que festa extraordinária foi a do meu casamento! Meus pais não pouparam despesas e a festa durou oito dias, como era hábito nas famílias mais abastadas naquela época. Judite era uma linda judia, que trazia, no porte físico, toda a pujança da nossa raça.

Apesar de amá-la apaixonadamente eu era ríspido para com ela. Minha condição de filho mimado fazia com que eu a destratassem até na frente das visitas, ocasiões em que ela ficava rubra de raiva e vergonha e só não reagia pela condição de servidão em que as mulheres eram educadas em Israel.

Judite deu-me dois lindos meninos e uma menina que mais parecia um querubim. A Vivenda tornou-se um lugar alegre, cheia de risos e gritos de crianças a correr e brincar, o que quase sempre me irritava. A única tristeza que veio toldar a nossa prosperidade foi a morte de minha mãe.

As crianças ainda eram pequenas quando comecei a notar aquelas manchas esbranquiçadas em meu tórax e braços. Um pensamento agourento passou pela minha cabeça e eu disse para mim mesmo que se fosse aquilo que eu temia, eu daria um fim à minha vida. Dia a dia eu me observava e comecei a evitar a claridade, à medida em que as manchas aumentavam de tamanho e de número. Primeiro afastei as crianças do meu convívio, e se insistiam em procurar o meu colo eu gritava exasperado, deixando-as, especialmente a minha pequena, apavoradas. Judite e o velho Efraim não podiam compreender porque eu agia assim e mais surpreso ficaram quando abandonei o leito conjugal e afastei-me do convívio de todos. Pouco depois o meu velho pai teve que reassumir os negócios da casa, pois eu os abandonara completamente.

As manchas passaram a ter bordas elevadas e ficaram insensíveis ao tato. Depois minhas orelhas começaram a crescer e ficaram carregadas de pequenas bolotas. O nariz inchava e estava sempre obstruído, obrigando-me a respirar pela boca. Agora já não eram mais apenas as manchas. A pele do meu rosto e dos braços ficaram grossas e intumescidas. Não havia mais dúvidas quanto a minha enfermidade. Eu precisava de alguém para chorar as minhas mágoas, mas não daria sinal de fraqueza, nem ao meu pai, nem a Judite.

O Sacerdote obedeceu a todo o ritual do Levítico sobre a lepra e ao final eu fui declarado impuro: teria de afastar-me da sociedade, devido à minha impureza, e perderia todos os meus direitos de cidadão hebreu. Para todos os efeitos, seria como se eu estivesse morto, e nem mesmo tivera coragem de matar-me.

Comprei a estamena de algodão rústico de um dos trabalhadores de minha

casa e queimei os meus ricos trajes de linho. Saí uma última vez a visitar a propriedade da minha família e demorei em cada recanto, em cada esconderijo da minha meninice e as cenas do passado se faziam visíveis e quase tangíveis. Vi e ouvi as conversas, os segredos que trocávamos e até o choro dos companheirinhos quando a minha maldade ultrapassava o limite do suportável.

Que saudade dos tempos de inocência, e de tantos companheiros que ficaram para trás nas brumas do tempo! Os empregados olhavam-me com piedade mas não ousavam se aproximar. Depois de muitas horas em que conversei com as figueiras e reguei as oliveiras com as minhas lágrimas, tomei a decisão final.

Ergui-me para enfrentar o meu destino. Fui para o pátio da Vivenda e ali Judite, meu pai e as crianças, junto a servos mais dedicados, esperavam-me. Parei a uns cem metros de distância e meu pai entregou a um criado um alforje com mantimentos, roupas e dinheiro. O pobre diabo, apavorado, parou a uns dez metros e largou tudo no chão, voltando a correr para longe de mim. Tive ganas de esganá-lo, mas já não podia fazê-lo.

Judite chorava desesperadamente e desmaiou nos braços de meu pai. As crianças lutavam por escapar dos braços vigorosos dos criados para correrem para os meus braços. Felizmente foram contidas. Acenei um doloroso adeus e virei as costas para aquela que fora minha casa e família; tomei a estrada e não mais olhei para trás.

Procurei evitar as estradas mais frequentadas, principalmente porque meu orgulho se chocava cada vez que tinha de gritar: "Impuro! Não se aproxime, sou um impuro!" Quando acabou o mantimento e o dinheiro tive de esmolar, suprema humilhação. Eu, que muitas vezes negara o óbulo aos necessitados, ou dera esmolas com asco a pedintes e leprosos, agora tinha de esmolar o meu sustento. Caminhando de déu em déu, sem cogitar para onde ia, cheguei um dia próximo a Jerusalém, a visão da paz, a favorita de Jeová, e ali, bem perto, estava o VALE DO KIDRON, ou o Vale dos Leprosos, não só destes, mas também de celerados, bandidos procurados pela lei: os soldados não se atreviam a persegui-los ali. Entre bandidos e leprosos havia como que um tratado: estes não se metiam com aqueles, e os bandidos, quando podiam, davam generosas esmolas para os degredados.

Capítulo II O VALE DOS IMUNDOS

Já havia sido um lindo e verdejante Vale, porém, mesmo a Judéia, a menina dos olhos de Jeová, cometia os seus deslizos e houve época em que os sacerdotes de Baal, ou Moloque, o nojento deus das moscas, ergueram ali um altar para que tenras criancinhas fossem sacrificadas à ira do ídolo. Até reis dos judeus cultuaram esse deus sanguinário, sacrificando seus próprios filhos a essa infernal divindade.

Profetas judeus protestaram contra esses desvios da crença num Deus único, entre os quais Josias, que perseguiu os seguidores do ídolo e destruiu seus altares. Tempos depois o culto renasceu no mesmo Vale, e novamente foi destruído e por ordem real: o belo Vale foi transformado em depósito de lixo da grande cidade e também o depósito do seu lixo humano.

Fechei os olhos à entrada do Vale e vi uma multidão à frente de um ídolo barrigudo e oco. Os auxiliares dos sacerdotes acenderam uma fogueira dentro da barriga do ídolo, enquanto o povo cantava orações em voz alta. Quando a feia estátua estava rubra pelo calor, um casal paramentado se aproximou e entregou um menino de poucos meses para um dos sacerdotes; este, após algumas práticas rituais, passou-o ao sacerdote mais graduado, que depositou o menino nas mãos espalmadas e incandescentes do ídolo. O povo gritava histericamente, abafando os gritos de dor do pequenino, que em pouco tempo estava morto.

Sentindo um arrepio pelo corpo, nauseado com o cheiro de carne queimada do pequenino, despertei daquele estranho transe. Tempos depois, aquele homem que marcaria a minha vida se referiria ao Vale como o *Geena* de fogo que nunca se apaga e tudo purifica, pois o fogo era mantido constantemente aceso para queimar o lixo e as carcaças dos animais que ali eram depositados.

Mas, dei de ombros, procurando afastar aquelas estranhas visões, porque agora eu era um leproso e nada me importava do que acontecera ou viesse a acontecer a Israel. Adentrei o Vale e procurei conversar com os seus habitantes, que, indiferentes, recebiam mais um desgraçado.

Capítulo III MINHA DOCE SAMARIA

Eu sou o Samaritano. Sim, neste capítulo sou apenas o Samaritano, pois foi este o nome que ficou registrado para a posteridade.

Ah, que saudade da minha Samaria, com as suas montanhas chamadas Torres de Vigia e seus vales verdes e férteis! Foi ali que nasci, naquela longínqua reencarnação, e fui educado para evitar e até odiar os judeus; mas não me conformava com isso e queria saber por quê.

Meus pais e os mais velhos me contavam sobre rivalidades religiosas e econômicas e que, quando os judeus foram libertados da escravidão na Babilônia, e os primeiros grupos retomaram a Jerusalém, encontraram o Templo de Salomão destruído e providenciaram a sua reconstrução, mas os companheiros de Zorobabei não permitiram que os Samaritanos participassem da reconstrução. Mais tarde expulsaram Manassés, um sacerdote Samaritano, de Jerusalém e ele construiu no Monte Garazim um templo tão rico e tão belo quanto o de Salomão, embora menor, formando um clero regular para officiar os rituais.

Esse foi o motivo pelo qual a mulher Samaritana, a alma vigilante, junto ao Poço de Jacó, num diálogo transcendental perguntou a Jesus de Nazaré onde Deus deveria ser adorado e a resposta límpida foi a de que não existe templo melhor do que o próprio coração. Infelizmente os homens não entenderam isto e em vez de adorar a Deus em Verdadeiro Espírito, continuaram separados e antagonistas. Ao tempo que se deu esse diálogo o Templo do Monte Garazim já não existia, dele só restavam ruínas, pois numa das inumeráveis guerras entre meu povo e os judeus, João Hircano, rei dos judeus, o destruiu; mas ainda era ali que realizávamos nossas festas religiosas e nossas obrigações rituais.

Meu Deus, como amei a jovem Raquel desde o momento em que a vi! Nunca tive coragem de pedi-la em casamento, por causa daqueles sonhos terríveis que me assombravam desde menino. Eu sabia que algo muito grave aconteceria comigo e quem unisse a sua vida à minha, certamente sofreria muito; por isso renunciei ao amor de Raquel.

Ah, aqueles sonhos, aqueles estranhos sonhos que me perseguiram desde menino! Via-me num vale tenebroso com a estamena dos leprosos, a esmolar. A cabeça coberta por um capuz não deixava aparecer o meu rosto, mas era eu. No sonho via um grupo de homens e um em particular causava-me arrepios. Ele era mau, cruel e a sua voz metálica assustava-me. Havia um rapazinho no grupo que era a vítima preferida daquele homem. Geralmente eu acordava gritando de medo e minha mãe corria para o meu leito e aconchegava-me ao colo, até que eu dormisse novamente. As vezes suas lágrimas quentes caíam sobre o meu rosto, talvez porque ela também soubesse o que me aconteceria.

Foi por isso que, quando aquelas manchas começaram a aparecer em meu corpo, abandonei tudo numa madrugada e com o coração sangrando de dor parti para sempre da minha querida Samaria, deixando para trás todos os meus amores, os meus sonhos e ilusões. Vaguei por muitos caminhos enquanto minha saúde se deteriorava rapidamente. Dormia ao relento e fugia das crianças, que me apedrejavam à entrada das aldeias. Porém, era estranho, nunca senti revolta, parecendo-me que havia nascido para aquele destino.

Assim caminhando cheguei ao Vale dos Imundos. Adentrei o Vale sob olhares desconfiados dos seus moradores e tentei fazer amizade com a sua população, mas ninguém me dava atenção, a não ser algumas crianças, também leprosas, com as quais eu dividia o pouco que ganhava esmolando. Passaram-se muitos dias, e certa vez, quando eu estava a dividir minha comida com aquele grupo de crianças, alguns homens, talvez seus pais ou parentes, se aproximaram e passaram a conversar comigo. Um deles chamou pelo nome um homem que permanecera mais distante e eu quase desmaiei, pois era aquele o nome que ouvia em meus pesadelos. Aquele rapazinho que era perseguido pelo homem mau também estava ali, e, de repente, comecei a lembrar os sonhos confusos e as palavras gritadas em desespero: "Senhor, filho de Davi, tenha compaixão de nós, limpe a nossa lepra!" Outras vezes

via o rapaz, quase um menino, exclamarem desespero, quando perseguido pela maldade daquele homem :

- Efraim, por que você é tão mau ? Deixe-me em paz!

Quando Efraim chegou ao grupo fiquei gelado, pois nos pesadelos eu via apenas aquele olhar penetrante como a lâmina afiada de um punhal, e ouvia o seu riso escarnekedor, que soava como o som de chicotadas.

Venci a repulsa e o medo e integrei-me naquele grupo. Vivíamos mais ou menos juntos, e começaram a circular pelo Vale histórias estranhas sobre um Rabi popular que tinha palavras de esperanças para os pobres e curava todas as doenças com as suas mãos, até a lepra. Eram as mulheres e as crianças que veiculavam essas histórias e afirmavam que o estranho Rabi havia curado Simão, o Leproso.

Havia uma forte esperança no ar, a de que aquele Rabi viesse ao Vale e nos curasse a todos. O tempo ia passando, e isso não acontecia. Os ouvidos dos mendigos começaram a perceber um estranho complô para matar o bondoso Rabi, e com medo de que não houvesse tempo para ele vir ao Vale, parte do nosso grupo, no qual se incluía Efraim, resolveu ir procurá-lo.

Devolvemos a narrativa a Efraim, pois dele depende a continuidade da nossa história, que nasceu da sua mensagem: Prece d'aqueie que Não Voltou para Agradecer.

Capítulo IV DIFICULDADES MEDIÚNICAS

Um dia comecei a ter um forte desejo de encontrar um médium para escrever uma mensagem, através da qual eu pudesse reparar uma grave falta, a ingratidão. Eu pouco conhecia sobre mediunidade e não pensei que fosse encontrar tantos obstáculos. Amigos mais experientes recomendaram-me paciência. Aprendi que era preciso afinidade fluídica e isto não se resolve de um momento para outro. Havia também a questão da disponibilidade do médium e do seu livre arbítrio. Além disso eu queria encontrar um médium que conhecesse alguma coisa sobre a história da hanseníase atual e da antiga lepra.

Desisti logo do meu intento de encontrar um médium psicógrafo mecânico, pois, além de raros, os que existem estão empenhados em tarefas importantes. Cheguei a sonhar, confesso, em escrevê-la através de Francisco Cândido Xavier.

Um companheiro levou-me certa noite a uma casa simples e disse-me, "este vai ser o seu médium*". Não gostei. Achei que não havia ambiente adequado na casa, pois a mensagem não seria escrita em Centro Espírita, mas na intimidade do lar, nas horas tardias da noite. Por muitos dias freqüentei a casa e estava cada vez mais desanimado. As minhas sugestões mentais eram imediatamente repelidas pelo médium, que se enchia de escrúpulos. Tudo conspirava contra a minha vontade, até

o ambiente da casa, que era perturbador. Como não havia outro jeito, comecei a me esforçar para adquirir a confiança do médium, no que a presença do Samaritano me ajudou muito. Percebi afinal que era ele o médium ideal, porque estivera envolvido no drama, embora com pálida participação, e tinha conhecimentos históricos suficientes.

Finalmente, numa noite em que tudo parecia conspirar contra, consegui a aquiescência do médium para escrever. A mensagem seria no processo que Alian Kardec chamou de "intuitivo", hoje denominado "psicografia consciente ou telepática". Desta mensagem inspiramos o médium a transformá-la numa palestra e depois ele próprio teve a idéia de fazer um livro, pedindo a nossa ajuda. Vamos desenvolver a prece, dando-lhe uma forma descritiva, e no final do livro a colocaremos como ela foi idealizada e escrita.

Capítulo V ACURA DOS DEZ LEPROSOS

Saímos do Vale dos Imundos num grupo de dez homens e um era Samaritano.

Andamos vários dias perguntando pelo Rabi que limpava os leprosos e, não poucas vezes, fomos escorraçados e até apedrejados para não entrar nas aldeias. Por mim eu teria desistido daquela procura insana, mas os companheiros queriam continuar sempre e lá íamos nós, empoeirados, com as feridas dos pés sangrando, a gritar sempre que se afastassem de nós.

Um dia entramos numa aldeia e um homem velho nos encheu de esperanças, dizendo que ele estivera ali havia poucos dias. Indagamos da direção que ele tomara e intentamos cortar caminho para alcançá-lo mais à frente. Numa manhã radiosa, talvez a mais bela das manhãs, o encontramos e de longe pusemo-nos a gritar que éramos leprosos, que não se aproximassem.

Ao mesmo tempo gritávamos por socorro:

- Filho de Davi, se queres poderás nos limpar da lepra! Tem piedade!

○ Rabi aproximou-se, e estendendo os braços, exclamou:

- Eu quero! Fiquem limpos!

Abraçamo-nos comovidos, enquanto sentíamos uma estranha energia circular por nossos corpos. A cura não foi instantânea. O Rabi voltou a faiar.

- **Vão mostrar-se ao sacerdote e cumpram o sacrifício determinado por Moisés.**

Saímos dali abraçados, chorando e rindo ao mesmo tempo e no caminho a cura se completou. Nossos corações estavam em festa, mas aqueie Samaritano parou-nos, e disse que fôramos ingratos, que não tínhamos agradecido a cura e propôs que voltássemos para agradecer. Fiquei furioso e disse :

- Eu não vou. Vou mostrar-me ao sacerdote e de já vou para casa, onde

tenho muitas contas a ajustar.

Os outros também se negaram a voltar. Um a um, todos menearam negativamente a cabeça, até o jovem quase menino, e o Samaritano voltou sozinho e prostrou-se aos pés do Mestre em pranto de gratidão.

Soubemos depois que o Raboni se espantara e perguntou :

- Não foram dez os curados, e só este estrangeiro voltou para agradecer ? Onde estão os outros nove ?

infelizmente esta observação do Mestre criou, tempos depois, a lenda de que os leprosos são ingratos.

Apresentamo-nos ao sacerdote, que relutou em acreditar que tínhamos sido leprosos e que fôramos curados pelo Rabi Jesus Ben Jo- sef.

Depois de muita discussão e de pessoas que testemunharam a nosso favor, porque costumavam nos dar esmolas, o sacerdote não teve outra alternativa e fizemos o sacrifício de duas rolinhas cada um, pois éramos pobres. Depois do tempo prescrito para observação, fomos declarados limpos e com direito de retomar nosso lugar na sociedade.

Voltei para minha casa como um fantasma que retorna do túmulo. Meu velho pai chorava convulsivamente e erguia os braços para os céus, balbuciando agradecimentos, já que tivera um derrame, não fala-va mais e estava semiparalítico. Minha mulher ficou muito surpresa, pois nunca se vira um leproso curado; mas queria saber tudo sobre o Rabi e até mesmo segui-lo, o que me desagradou profundamente. Meus filhos evitavam-me o mais que podiam; apenas meu primogênito, um belo rapaz, aproximava-se de mim, mas com muitas formalidades, sem um gesto de carinho. O medo dos dois menores me deixava profundamente irritado, mas Judite intercedia pelas crianças, pedindo-me compreensão e paciência, até que elas se acostumassem à idéia de que o seu pai não morreria.

Vizinhos começaram a procurar nossa casa como que para me dar as boas-vindas; mas, para mim, eram simples curiosos, e minha rispidez ao recebê-los logo tirou o ânimo de todos e voltamos ao nosso isolamento. Judite sofria com isso, mas não reclamava. Os negócios não iam bem desde que o velho Efraim adoecera e apliquei-me duro para recompor as finanças e pagar os impostos, antes que nos tomassem a propriedade.

Infelizmente os anos de solidão e desprezo, a saudade não confessada, as privações e todos os sofrimentos não melhoraram o meu gênio irritadiço. Sempre desconfiado, passei a dirigir a casa com pulso de ferro.

Um dia passou pela nossa casa um dos nove companheiros, e só o recebi porque ele dizia ser portador de notícias que me interessariam muito. Bartolomeu contou-me então que ficara lá mesmo em Jerusalém e assistira à prisão do Rabi e ao seu julgamento, totalmente irregular, que levou o Sinédrio a condená-lo à morte por blasfêmia. Como os Romanos haviam tirado o poder efetivo do Sinédrio,

recorreram ao Governador Pôncio Pilatos, que não queria condenar o moço Galileu, até que houve a ameaça de o denunciarem a César, pois Jesus dizia-se rei e os sacerdotes hipócritas afirmavam que apenas César era rei. Jesus foi condenado ao martírio da cruz, castigo reservado aos piores bandidos e aos escravos.

Senti uma coisa estranha dentro de mim, mas nenhuma piedade, nenhuma lágrima. Antes parabenei-me por tê-lo encontrado a tempo de ser curado. Fiquei a pensar porque ele não reagira, pois eu era testemunha de que ele tinha grandes poderes.

Depois Bartolomeu me contou que o Samaritano não retornara à sua terra, pois tivera notícia de que seus pais já haviam morrido. Algum tempo depois ele era visto entrando no Vale do Kidron com roupas e mantimentos para integrar-se naquela mísera população. Bartolomeu me disse que ele trabalhava em duras tarefas e esmolava por aqueles que a doença já não mais permitia se locomover. Ele fazia ainda mais : enxugava o pranto daqueles pobres sofredores, especialmente das crianças, dando-lhes esperanças de tempos melhores. À medida que Bartolomeu ia contando eu comecei a rir e logo estava gargalhando estrepitosamente, o que encheu de medo os meus filhos e Judite, pois nunca, desde o meu retorno, eles me tinham visto ao menos sorrir.

Dei algum dinheiro a Bartolomeu e avisei-o que não mais me procurasse, pois não seria bem-recebido. Notei a decepção em seu rosto, pois, evidentemente, ele queria ficar comigo. Antes de ir embora ele ainda deu notícias de alguns companheiros do grupo e pareceu-me que, exceto o Samaritano e o menino Daniel, que já tinham bons sentimentos, os outros continuaram egoístas, hipócritas e desonestos.

O tempo continuou sua marcha inexorável; meu pai morreu, e pouco depois morreu Judite. Minha filha casou-se e foi morar longe de minha casa. O meu filho menor abandonou a casa por não suportar o meu despotismo. Só o meu primogênito permaneceu ao meu lado, sofrendo todas as injeções do meu mau-humor, e foi ele que fechou meus olhos anos depois. Sim, eu morri para nascer no inferno, ou seja, fui parar no Vale dos Imundos, no Geena de fogo, que me pareceu mais sombrio e mais imundo. Desesperado, punha-me a gritar pelo Rabi Jesus Ben Josef, para que me tirasse dali novamente. Gritava, ria, chorava e desesperava-me cada vez mais. Um dia, mesmo a contragosto me lembrei do Samaritano, e logo uma luz intensa formou-se à minha frente e o Samaritano, que também já havia morrido, apareceu-me de braços abertos, convidando-me a um abraço que eu recusei, mandando-o embora com impropérios.

Muito triste ele desapareceu do meu olhar, e fiquei a gritarem intenso desespero, mas, por resposta, só tinha outros gritos desesperados, ou risadas satânicas a me desesperar ainda mais.

Não sei quantos anos se passaram, mas não houve um só dia que o Samaritano não viesse me ver e oferecer ajuda. Já não tinha mais forças e mais parecia um

monstro semidevorado pela lepra. Finalmente rendi-me e atirei-me nos braços do Samaritano, implorando alívio para a minha amargura. Ele abraçou-me demoradamente e falou com ternura sobre o Rabi. Adormeci como uma criança, acalentado pelas histórias de nosso povo. Quando acordei, sem dar conta do tempo que permaneci em repouso, pedi ao meu benfeitor que me deixasse ajudá-lo em suas tarefas. Sem esconder a sua alegria ele me levou a cavernas escuras, onde a dor e a miséria moral fustigavam espíritos dementados. O trabalho era imenso e estafante, pois a contraparte invisível do Vale abrigava uma enorme população de leprosos, bandidos e loucos e o Samaritano com sua equipe ajudava-os a todos.

Passaram-se muitos anos e um dia senti uma coisa estranha, uma espécie de desmaio e depois tudo ficou confuso. Às vezes chorava, mas meu pranto parecia vagidos de criança. Essa inconsciência, de mistura com a confusão mental, durava algum tempo e depois eu despertava, retomando a minha mesma condição de doente em recuperação. Um dia indaguei ao Samaritano o que se passava comigo e ele contou-me que era a lei maior trabalhando em meu favor. Falou-me da reencarnação e mostrou-me cenas de muitas das minhas vidas passadas. Disse-me ele que dali em diante eu poderia participar do planejamento das minhas próximas existências. Curioso com o que se passara comigo, ele contou-me que os períodos de inconsciência eram tempos de reencarnações e em várias delas eu permanecera no corpo apenas alguns anos. Em outras cheguei à idade adulta, mas em quase todas tive a lepra por companhia, e também o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a felonía. Passaram-se muitos séculos na esteira do tempo.

Geograficamente a região do Vale de Kidron estava muito diferente, mas a sua contraparte invisível estava quase a mesma coisa, mudando aos poucos o tipo de população. Um dia o Samaritano, radiante de alegria, veio encontrar-me, e eu perguntei :

- O que foi ? O que aconteceu ?
- Vou reencarnar, disse ele.
- Você ? Mas, por quê ? Quem vai cuidar desta mísera população ?

Ele sorriu benevolente e disse que todos eram filhos de Deus e nenhum ficaria desamparado.

— A ciência da Terra está em franco progresso e logo vai surgir um remédio para curar a lepra. Quero fazer parte dessa revolução científica, disse ele.

Como eu permanecesse calado ele abraçou-me e disse:

— Vou reencarnar numa terra nova chamada Brasil e nas primeiras décadas do século XX, vou ser um médico para cuidar dos leprosos.

— E eu, o que acontecerá comigo ? Não posso ir com você, viver ao seu lado ?

— Sim e não, pois você irá reencarnar também nesse mesmo país: mas não ao meu lado; porém, de algum modo poderei proteger você.

— Vou ser leproso novamente ?

— Sim. Mas se você souber aproveitar será a sua última prova como hanseniano.
— Hanseniano ?
— Sim. Esta é a tendência que se concretizará com o tempo, para apagara feia e preconceituosa palavra leproso.

Como eu ficara cismativo, ele me encorajou:

— Vamos começar a planejar sua reencamação. Ela será dolorosa, mas poderá lhe dar asas para o grande vôo da liberdade.

Alguns anos depois ele partia para a Terra, cheio de esperanças.

Eu esperaria um pouco mais. No dia **6** de janeiro de **1903** uma mulher abençoada dava à luz a um bebê que recebeu o nome de Lauro. Seus pais amorosos lhe dariam toda a cobertura de que precisava, mas a sua família seria muito maior, milhares de pessoas que tinham em seus corpos o ferrete em brasa do mal de Hansen.

Capítulo VI LAURO DE SOUZA LIMA

Retomo o fio da história para contar que o Samaritano reencamou na cidade de Campinas no dia **6** de janeiro de **1903** e teve uma infância feliz. Em **1928** formava-se médico pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro, juntamente com o seu irmão Moacir e a sua tese de doutorado foi sobre a lepra.

Ainda em **1928** ocupou o seu primeiro emprego público, o de Delegado Regional da Lepra, em Campinas, cargo que desempenhou com eficiência e humanitarismo. Ele era antes de tudo o amigo, o benfeitor.

Os doentes de Hansen, chamados então leprosos, ficaram quatro séculos sem a mínima assistência governamental, mas, seguindo as nações mais adiantadas, tomou-se a medida de isolar os doentes em Asilos Colônias e vários deles foram construídos em todo o Brasil. No Estado de São Paulo já havia quatro, verdadeiras cidades fechadas, onde se puseram muitos atrativos para segurar os pacientes.

Em **1931** o Governo do Estado de São Paulo, através dos médicos Francisco Sales Gomes e Souza Campos, comprou da viúva Queirós o Sanatório São Paulo, um hospital psiquiátrico espírita, cujo balanço de **1926** ou **27** chegamos a ver na Revista Reformador, da Federação Espírita Brasileira. Ali instalou um Sanatório, e a pedido do então prefeito de Guarulhos, Dr. Arcoverde Panadés, e do Sr. Renato Maia, grande proprietário de terras em Guarulhos, foi dado ao Sanatório o nome de Padre Bento, homenageando um virtuoso sacerdote que se antecipara à ciência médica no amparo aos hansenianos.

-**25-0** Sanatório Padre Bento foi inaugurado no dia **31** de julho de **1931** e o seu primeiro diretor ficou apenas **15** dias no cargo. As autoridades médicas ofereceram o posto ao Dr. Lauro e ele aceitou aquele desafio. Desafio, porque os

primeiros pacientes que foram para lá eram aqueles que andavam livres, a cavalo, pedindo esmolas e acostumados a uma vida nômade, não se conformando em viver cercados e vigiados pelas autoridades médicas.

Outro problema que o jovem médico enfrentaria era a população guaru- Ihense, a qual temia que o ajuntamento de doentes num só local pudesse espalhar a doença por toda a cidade.

Convencida a população, restava conquistar a confiança dos pacientes e o Dr. Lauro de Souza Lima teve que usar de muita paciência e bondade. Aos poucos ele criou regulamentos para que todos pudessem viver em harmonia. Foi numa tarde muito fria de inverno, quando o médico conversava com um grupo de pacientes (entre eles alguns muito rebeldes e indisciplinados), portando um caro sobretudo de lã importado, um dos pacientes mais rebeldes desafiou-o a lhe dar o sobretudo e o médico não titubeou um só instante: desabotoou-o e o entregou ao solicitante. No dia seguinte foi a São Paulo e com o seu próprio dinheiro e com doações de amigos, comprou muitos sobretudos e distribuiu-os entre os pacientes mais necessitados. Aquele gesto conquistou muitos corações, que passaram a colaborar com a disciplina e a vigiar seus companheiros mais indisciplinados.

Aos poucos o Sanatório Padre Bento foi se transformando numa cidade. Os próprios doentes faziam quase todo o serviço, inclusive o de enfermagem. Muitos dos seus pavilhões e residências foram construídos pelos doentes e na argamassa misturava-se o seu sangue, devido o atrito com os tijolos e o contato com o cimento e a cal.

Em breve era escolhido o seu Prefeito e inaugurada a delegacia interna. Escolas foram construídas, bem como oficinas diversas onde profissionais internados exerciam suas profissões. O Dr. Lauro era um esportista nato e incentivava os esportes, mas, em especial, o futebol, sua paixão de corintiano (chegou a ser diretor do Corinthians no início da década de quarenta). O time de futebol do Sanatório Padre Bento tinha o uniforme semelhante ao do Sport Club Corinthians Paulista. Ele era um bom jogador de tênis e incentivava também este esporte, construindo duas quadras para a sua prática.

Em **1937**, se não me falha a memória, ele inaugurou dois pavilhões especiais para abrigar crianças hansenianas e foi ali que vivi durante quase cinco anos, sob os seus cuidados médico e educacional. As crianças tinham sua própria quadra de tênis, de basquete e campo de futebol, assim como uma piscina moderna para a época.

Mas o nosso Samaritano não veio ao mundo para cuidar de algumas centenas de hansenianos, senão de milhares. Suas pesquisas e seus estudos foram extraordinários. Em **1938** representou o Brasil no Congresso Mundial de Leprologia que aconteceu no Cairo. Em **1948** esteve presente no Congresso de Havana e em **1953** no Congresso de Madri. Participou também de inúmeros congressos menores e sempre teve posição de destaque. Escreveu mais de **80** trabalhos

científicos sobre a lepra, que eram disputados pelas mais importantes revistas científicas do mundo. Estes trabalhos foram escritos em inglês, espanhol, francês, italiano e português. Em **1951** foi convidado a integrar a equipe de médicos da ONU no setor de leprologia e nesta qualidade organizou o Serviço de Profilaxia da Lepra, nas ilhas do Caribe, no México, nas Repúblicas Centro-Americanas, nas três Guianas, no Peru, na Colômbia, na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Uruguai.

Ainda em **1951** assumiu o Departamento de Profilaxia da Lepra, órgão coordenador do Estado de São Paulo, hoje extinto. Na sua casa nasceu a Sociedade Paulista de Leprologia, dedicada a pesquisas sobre o mal de Hansen. Ele foi o introdutor da Sulfona como tratamento do Mal de Hansen no Brasil, após fazer um estágio num hospital da França. O remédio veio mudar drasticamente as condições dos hansenianos no mundo, pois até então os tratamentos eram inócuos.

Ele foi um mestre formador de mestres, pois vários grandes leprologistas do Brasil foram formados por ele. Professor universitário, não se limitava a ensinar nas salas de aulas, mas levava os alunos aos leitos dos pacientes ou aos Sanatórios para ensinar. Seus diagnósticos eram seguros e inquestionáveis.

Entretanto, acima do cientista estava o amor do homem pelos seus doentes. E maior era o amor por suas crianças hansenianas. Dava-lhes uma atenção carinhosa, conversando com todas, mesmo as pequeninas. Há vinte séculos ele não se casou, para não fazer uma criatura sofrer. Nesta encarnação também não se casou, apesar de tê-lo quase feito por duas vezes: não o fez, porque as futuras esposas queriam afastá-lo de seus doentes.

Lauro de Souza Lima tinha uma religião? Não sabemos, pois ele nunca nos contou, mas posso afirmar sem medo de errar que nunca convivi com pessoa mais evangelizada, embora ele nunca fizesse uma citação do Evangelho. Ele não escapou das garras da ingratidão. Esqueceram tudo o que ele fez e afastaram-no das suas atividades. As placas comemorativas que tinham seu nome, mandadas confeccionar pelos doentes, e que davam nome ao Estádio de Futebol, à Fonte Luminosa e outros locais, foram arrancadas e destruídas. Chegou a ser considerado "persona non grata" pelas autoridades que o sucederam.

Após a sua aposentadoria continuou dando aulas na Faculdade de Higiene e abriu consultório no centro de São Paulo, onde atendia seus doentes gratuitamente, quando não podiam pagar.

Mas o tempo passa, indiferente às nossas alegrias e tristezas, e o tempo do Samaritano estava se encerrando. Idoso e traumatizado por um acidente, ele foi internado no Hospital do Servidor Público Estadual e no dia **19** de agosto de **1973**, durante a visita de um sobrinho, o nosso Samaritano retornou à Pátria Espiritual, após cumprir intenso labor pelos seus hansenianos. Até hoje continua a trabalhar nas equipes espirituais junto aos sofrendores da Terra, como o fez por séculos no Vale do Kidron, próximo a Jerusalém.

Lauro de Souza Lima, o meu querido Samaritano, foi uma luz nas minhas

trevas, uma fonte de água fresca no meu deserto interior. Um cajado para a minha marcha, uma voz que falou por mim quando eu não tinha voz, alguém que combateu preconceitos e discriminações, alguém que lutou por meus direitos e me ensinou também a lutar por eles. Ele foi o amor pleno, a luz meridiana, o diamante sem jaça.

Capítulo VII NOÇÕES SIMPLES DE HANSENÍASE

Antes de falarmos em hanseníase precisamos falar um pouco sobre a "lepra", para que se firme na consciência do leitor a necessidade de se eliminar definitivamente do nosso vocabulário esta palavra pejorativa e discriminadora. Encontramos numa apostila do Hospital Lauro de Souza Lima, de Bauru SP, uma parte histórica assinada pelo Dr. Vladimir Opromola. Ele demonstra a antiguidade da enfermidade designada por "lepra", como, por exemplo, na China, onde documentos de **2.693 AC**, compilados em **500 AC**, descrevem um estado mórbido que provoca a queda das sombrancelhas, nódulos, ulcerações, dormência, mudança de cor e desabamento do nariz.

Na Índia, o Sushruta Samhita, compilado em **600 a.C.**, sob os termos Vat-ratka e Vatsonita, descreve hiperestesia, anestesia, formigamento e deformidades. Com a designação de Kushtha cita três espécies de manifestações cutâneas. Numa os sintomas proeminentes são anestesia local e deformidade. Na outra os aspectos principais são ulcerações, queda de dedos e desabamento do nariz.

Diz o Dr. Opromola que existem muitos relatos confusos sobre a existência da hanseníase em muitas partes do mundo na antiguidade, mas há muitas traduções erradas, de doenças cujos sintomas são de outras enfermidades. Segundo ele, a Bíblia é outra fonte de confusão sobre a doença entre os judeus, ao tempo do Êxodo. O termo Tsaraath (ou Saraat), no hebraico significa uma condição da pele dos indivíduos, ou das roupas, ou das casas, que necessitavam de purificação. Aquele que apresentasse tsaraath deveria ficar isolado até que os sinais dessa condição desaparecessem.

A hanseníase não era conhecida na Europa na época de Hipócrates, **467** anos AC. Nos trabalhos do "Pai da Medicina" não há referência a qualquer condição que se assemelhasse à lepra.

Admite-se que as tropas de Alexandre, o Grande, quando voltaram à Europa depois da conquista do mundo então conhecido, trouxeram indivíduos contaminados com a doença nas campanhas na Índia (**300 AC**).

No Brasil, segundo o Dr. Opromola, os primeiros documentos que atestam a existência da hanseníase em nosso território datam dos primeiros tempos do século XVII - tanto que em **1696** o governador Artur de Sá e Meneses procurava

dar assistência no Rio de Janeiro aos "miseráveis leprosos", já então em número apreciável.

Colocamos esses dados apenas para demonstrar a antiguidade da moléstia chamada "lepra" com todo o seu cortejo de sofrimentos. Mas daqui para a frente seremos simples nas explicações, principalmente porque o escopo deste trabalho não é de ordem científica.

A hanseníase é uma doença de pele provocada por um microrganismo denominado bacilo de Hansen. O nome foi dado pela comunidade científica em homenagem ao homem que identificou o bacilo causador da doença que hoje conhecemos como "hanseníase", o Dr. Gerhard Armauer Hansen, pesquisador norueguês. Esta identificação do agente causador da doença foi feita ainda no século XIX.

A fonte de contágio da hanseníase é o doente humano: pelo menos é o que se aceita até agora; mesmo assim, somente pacientes bacilíferos podem contaminar outras pessoas, e isto só acontece com uma das formas da doença, e existem três, uma indeterminada e duas polares. Para que aconteça o contágio é necessário um contato íntimo e prolongado do portador com o indivíduo sadio, mas só acontecerá se o indivíduo não tiver resistência ao bacilo, e, segundo os especialistas, **90%** da população brasileira é resistente ao bacilo de Hansen.

Apesar da antiguidade da enfermidade, somente neste século conseguiram-se medicamentos que curassem a hanseníase. Até **1944**, ou **45**, aqui no Brasil era utilizado o óleo de chamulgra, extraído de uma planta indiana, em injeções profundas na região glútea ou em infiltrações subcutâneas. Ambas as formas de aplicação eram muito dolorosas e totalmente inócuas. Quando terminou a Grande Guerra, em **1945**, chegou ao Brasil a Sulfona, sob a denominação de Proimid, injetável, e a Diazona, via oral; porém, já haviam sido tentados tratamentos com sulfas comuns, como a Tiazamida.

Desde a descoberta do Brasil, quando, tempos depois, foi verificada a presença da lepra, talvez trazida por escravos com a doença ainda incubada (o tempo que decorre da infecção até à sua manifestação pode ser de **3 a 5** anos), ou vindo com imigrantes portugueses, quando da ocupação do território brasileiro, os doentes ficaram sem assistência governamental. Na década dos anos **20** deste século, seguindo uma tendência das nações mais desenvolvidas, o governo brasileiro resolveu criar asilos colônias para confinar os leprosos, e uma lei federal instituiu a internação compulsória. A medicina passou a ter poderes de polícia, e determinava o aprisionamento de homens, mulheres e crianças portadores da doença em todo o Brasil.

Nessa época houve muitas tragédias, que por si só dariam romances volumosos. Ao ser diagnosticada a lepra, às vezes era negado ao doente até o simples direito de colocar seus negócios familiares em ordem, ou despedir-se da família. Casas foram incendiadas, doentes foram laçados como gado e dentro dos asilos cadeias

com grossas barras de ferro mantinham a disciplina e desencorajavam as fugas.

Mesmo assim havia muitas fugas, como havia tráfico de bebidas alcoólicas, que eram rigorosamente proibidas, assim como a prostituição.

Os Asilos Colônias eram verdadeiras cidades fechadas, com prefeito, delegado, policiamento interno, oficinas, e enfermagem exercida pelos próprios pacientes. Logicamente, como todas as comunidades humanas, os asilos tinham os seus problemas e dificuldades de relacionamento.

Com a chegada da Sulfona ao Brasil o quadro hospitalar mudou radicalmente e começaram a acontecer as altas hospitalares, para a continuidade do tratamento nos Dispensários, hoje incorporados aos Centros de Saúde. Com o esvaziamento dos antigos asilos, que passaram a denominar-se Sanatórios, e posteriormente Hospitais de Dermatologia Sanitária, começaram acontecer mudanças e hoje há uma tentativa de se transformarem em Hospitais Gerais, para toda a população das cidades sedes desses hospitais, o que já se conseguiu com êxito em Guarulhos, São Paulo, com o antigo Sanatório Padre Bento, transformado em Complexo Hospitalar Padre Bento de Guarulhos.

As transformações não têm sido muito pacíficas, já que os pacientes hansenianos ficaram com seus espaços reduzidos e disputam as vagas para internamento e até as consultas e exames complementares com a população não hanseniana, numericamente muito superior. No Padre Bento foi criada uma comissão de pacientes para acompanhar e negociar as mudanças, da qual fazemos parte. Em outros hospitais do Estado de São Paulo e do Brasil tem havido dificuldades para a criação das comissões de pacientes. Por outro lado não há, ainda, o atendimento de hansenianos por parte dos hospitais conveniados ou particulares.

Desde tempos imemoriais a lepra tomou-se um peso esmagador para o seu portador. O medo da enfermidade, o horror causado pela doença foi e tem sido muito grande. Ser leproso, desde os tempos bíblicos, representava o castigo por pecados do portador ou dos seus ancestrais, tanto que era chamada doença da impureza.

A palavra "lepra" passou a ser usada em sentido figurado para designar "corrupção" e para xingar, achincalhar adversários. Tudo isto somado ao tempo das internações compulsórias, fazia com que, ao ser diagnosticado como portador da lepra, o indivíduo desaparecia, só procurando a ajuda médica quando o seu quadro clínico ficava muito grave. Infelizmente isto veio a acontecer até depois da Era Sulfônica.

Os meios de comunicação como o rádio, a televisão, os jornais e o cinema, assim como a literatura, foram e têm sido responsáveis por lendas e mitos em tomo da ex-lepra. Dedos que caem, crianças raptadas, contaminação de reservatórios de água e muitas outras coisas são atribuídas aos leprosos. Houve até quem dissesse que Jesus de Nazaré mandou que Pedro se levantasse de uma pedra na qual um

leproso havia se sentado mil anos atrás. Absurdo e ignorância atribuída ao maior dos Mestres, já que o bacilo não sobrevive fora do organismo humano.

Devido a esta tremenda carga pejorativa e discriminadora, que leva ao preconceito, o Dr. Abrão Rotnberg propôs o nome hanseníase para substituir o termo lepra, mas, infelizmente, só uma parte da comunidade científica mundial aceitou a mudança e na culta Europa continuam chamando a enfermidade de lepra e o portador de leproso. No Brasil o nome oficial passou a ser hanseníase e demonstram ignorância os meios de comunicação que ainda utilizam os nomes antigos.

A internação compulsória não mais existe e os direitos do cidadão contagiado pelo bacilo de hansen é garantido, inclusive o seu emprego. O terrível flagelo que foi a lepra até recentemente só pode ser comparada à AIDS, com a única diferença de que a hanseníase não matava com a rapidez do vírus HIV, mas o isolamento, o preconceito, a sensação de culpa, o abandono, o repúdio, a repugnância pelo doente foram praticamente o mesmo.¹

Finalizando este capítulo recordamos que a hanseníase é uma doença dermatológica (de pele) perfeitamente curável, especialmente com a poliquimioterapia; e a "lepra" é doença socialmente incurável no momento, devido à ignorância e à má vontade de muitos. A hanseníase é uma doença que afeta predominantemente as camadas populacionais mais pobres, e as condições de vida, que não têm melhorado quase nada, continuam produzindo novos doentes. Os países do primeiro mundo debelaram completamente a doença antes mesmo das sulfonas, apenas com a elevação do nível de vida.

A hanseníase é de difícil contágio e não é hereditária. O que se herda é a falta de resistência ao bacilo, o que torna possível a pessoa adquirir a doença. Tratada a tempo, com diagnóstico na sua fase inicial, ela é curada em dois anos. Hoje é preciso que a medicina evite que o doente sofra seqüelas e mutilações.

Vai aqui um apelo: depois de ler este livro nunca mais use os termos lepra, leproso ou leprosário, e muito menos as utilize para xingar pessoas de quem você tenha raiva: os milhões de pessoas que sofreram física e emocionalmente essa doença, desde tempos imemoriais, merecem respeito e consideração.

Outra coisa importante: não pense que os portadores de hanseníase sejam santos ou super-homens. São pessoas comuns, com defeitos e virtudes, como as de todos os segmentos sociais. Em seu meio existem heróis e bandidos, santos e crápulas, virtuosos e preguiçosos, intelectuais e analfabetos, portanto, não são nada diferentes do restante da humanidade. Querem apenas ser considerados pessoas, nada mais do que pessoas.

¹ Leia artigo de nossa autoria, AIDS, Estigma e Preconceito, no livro "Quando o Amor Fala Mais Alto" edição FEESP - São Paulo.

Capítulo VIII O DRAMA DE ANSELMO

Retomamos o fio da história para contar o drama de Efrain, pois quem nos acompanhou até agora deverá lembrar-se de que ao anunciar a sua próxima reencarnação, o Samaritano informou que Efrain também reencarnaria mais ou menos na mesma época. Efrain reencarnou em algum lugar do nosso Brasil, não sabemos onde, e vamos encontrá-lo numa enfermaria de um Asilo Colônia em algum lugar deste imenso país. Penetramos a mente de Anselmo, seu novo nome, e interpretamos os seus pensamentos.

"Meu Deus, quanta luta, quanto sofrimento, quanta humilhação! Será que vale a pena continuar vivendo depois de passar por tudo isso? Não seria melhor morrer? Não seria preferível fechar os olhos e dormir para sempre, pois não é possível que a vida continue após a sepultura para que se continue a sofrer!"

Estes tristes pensamentos passavam pela mente de Anselmo naquela enfermaria de um antigo "leprosário", quase vazia, pois o mau cheiro de sua perna gangrenada, à espera da amputação que se daria na manhã seguinte, fizera seus companheiros de infortúnio pedir remoção para outras unidades.

De repente ele se lembrou de que aquela era a semana do Natal e, triste ironia, contrastando com os presentes que se costuma ganhar no Natal, ele iria dar um pedaço de si mesmo, pois a natureza reclamava por antecipação. Sim, a natureza reclamava uma perna apodrecida pela gangrena gasoza, depois de suportar por alguns anos o mal perfurante plantar, a perda de artelhos e úlceras varicosas nas pernas.

Seus pensamentos torturados levaram-no a recordar cenas da sua infância pobre, mas vivida com dignidade. Seus pais tiveram quatro filhos, mas apenas ele, o último a nascer, e uma irmã sobreviveram e mesmo assim ela morrera ao chegara juventude. Anselmo lembrava-se de que o pai sempre lhe comprava algum brinquedo e dizia ter sido presente do Papai Noel. Ete nunca teve uma ceia de Natal, mas sua mãe orava sempre, agradecendo a Deus por ter enviado seu filho Jesus para salvar o mundo.

Como num fiime mágico ele revê os anos da descuidosa infância, apesar de muito cedo, com sete ou oito anos, ter ido para a roça ajudar o pai, puxando a enxada para limpar as ruas de café. Sua adolescência foi também de descobertas e inquietudes. A descoberta do sexo encheu-o de medos e só raramente, quando ia à cidade, falava em confissão ao sacerdote. Este, infelizmente, não ajudava em nada, apenas enchia a cabeça do pobre garoto roceiro, alertando sobre as tentações e as ciladas do demônio. Anselmo, apesar da dor e da tristeza, sorriu quando recordou o seu primeiro encontro com

Cidinha, a grande paixão de sua vida. Que dificuldade para pedi-la em namoro, e como Cidinha nos seus 16 anos corava ao vê-lo e aceitar a sua corte! Porém a natureza é mais forte e mais hábil do que os temores e o encabulamento, e tão logo Cidinha fez 18 anos, casaram-se.

Anselmo e Cidinha não tiveram viagem de lua-de-mel, mas apenas um ranchinho de pau-a-pique coberto de sapé. Vida muito pobre, mas muito feliz. Todas as tardes, quando voltava da lida na roça, Anselmo ajudava a companheira a cuidar de uma pequena plantação perto da casa e algumas galinhas e porcos que o patrão lhes permitia criar. A labuta na roça era muito pesada, mas, mesmo assim, o anoitecer era ponteadado pela viola bem afinada e as doces e nostálgicas modinhas que ele cantava em dueto com Cidinha. Como se amavam, e como eram felizes na sua simplicidade!

Depois começaram a chegar os filhos. Veio o primeiro, que recebeu o nome do avô, Jaime. Em seguida Maria Aparecida, quase dois anos depois. Cidinha demorou muito a engravidar novamente, pois o Jaiminho já tinha cinco anos quando ela voltou a engravidar e nasceram os gêmeos José e Rolando.

Tudo corria bem naquela vidinha pobre e laboriosa, até que um dia chegou na vida de Anselmo aquele bacilo insidioso que lhe penetrou as mucosas e lentamente foi se multiplicando, invadindo as áreas mais frias do organismo. As primeiras manifestações foram manchas nas nádegas, nas costas e nos braços. Com o tempo essas manchas tornaram-se insensíveis e bem delimitadas. Depois de um tempo maior a pele do rosto, dos braços, ficaram encaroadas, e o nariz começou a ficar entumescido, dificultando muito a respiração e sangrando com facilidade. Suas mãos incharam e a pele ficou muito ressequida, apresentando rachaduras nos interstícios das falanges. Segurar o cabo da enxada com as mãos dormentes, passou a lhe ser um sacrifício muito grande.

Havia na fazenda um outro roceiro de que Anselmo e Cidinha gostavam muito, e por isso ele era o padrinho de batismo de dois dos meninos. Era o compadre Mariano, homem arguto, com alguma leitura e muita vivência.

Foi ele que teve uma conversa muito séria com Anselmo, e pediu para ele ir à cidade grande consultar um médico, dizendo:

—Deus nos livre, Anselmo, mas isso está parecendo "morféia".

Infelizmente o compadre Mariano tinha razão e Anselmo foi levado para um Asilo Colônia, na esperança que ocorresse um milagre, pois, até então, a enfermidade não tinha cura. O ano era 1940. O mundo estava em guerra e, no interior do Brasil, mais um ser humano perdia sua batalha particular contra uma terrível bacilose. O bacilo de Hansen, lenta e terrivelmente provocava a derrocada física de Anselmo. Coisa trágica: como se não bastasse a cruel devastação da moléstia, ele estava ali, como um mártir, pronto a perder uma perna.

Com lágrimas nos olhos ele pensou no *triste Natal que os seus filhos passariam.*

Sem dinheiro, sofrendo toda espécie de privações certamente mantidos pelo heroísmo de Cidinha, pois os seus pais haviam falecido e Cidinha não tinha parentes. Nem mesmo uma afentadoria pudera lhes deixar, pois era um simples trabalhador rura somente muitas décadas depois seria criado o FUNRURAL.

Já ia alta a madrugada quando Anselmo conseguiu conciliar o sono, mesmo assim um sono agitado, povoado de pesadelos. Entretanto o sol chegou anunciando um novo dia e Anselmo foi levado para o Centre Cirúrgico, de onde retornou sem a perna direita, que foi amputada rente à bacia.

O pós-operatório foi muito doloroso, obrigando a enfermagem a aplicar-lhe fortes sedativos. A noite chegou, após o dia extenuante, sem muita modificação no quadro clínico de Anselmo. Já bem tarde, talvez pelo acúmulo de analgésicos no corpo, talvez pelo cansaço, ele dormiu para sonhar um estranho sonho. Neste sonho ele não tinha nas- eido ainda. Era uma outra pessoa e ajudado por um homem que ele não conhecia, mas tinha uma fisionomia bondosa e amiga, planejava o seu nascimento, a vida que teria.

Ele conversava animadamente com o seu acompanhante e o fio condutor principal da sua vida lhe ia sendo revelado e ele opinava, pedia explicações e convenceu-se de que uma doença grave como a "lepra", com a conseqüente separação da família, assim como uma perna amputada, seriam experiências enriquecedoras e libertadoras. Seu acompanhante, com a mão pousada amigavelmente em seu ombro, falava-lhe com carinho, prometendo proteção e amparo.

— Não pense em castigos, dizia ele. A vida é uma escola, um constante aprendizado. Serão lições amargas, porém, redentoras. Se você for paciente e forte para suportar tudo com coragem, o triste complexo de culpa que você carrega no íntimo há tanto tempo, se desfará.

Anselmo acordou assustado e deu tratos à bola para entender alguma coisa daquele sonho ou pesadelo, mas não conseguiu e procurou esquecer, já que além das dores que ainda sentia, não sabia como poderia se locomover quando saísse da enfermaria.

Já fazia três dias que Anselmo fora operado. Naquela quinta-feira, no horário das visitas aos pacientes acamados, o Jarbas, um amigo de Anselmo foi visitá-lo. Era o dia 24 de dezembro, véspera de Natal. Jarbas tinha na mão um pequeno embrulho. Era um livro. O rapaz foi dizendo logo:

—Sabe, Anselmo, eu ganhei este livro de um pessoal que veio visitar a Colônia, mas como não gosto de ler, resolvi trazê-lo para você, quem sabe vai ajudá-lo a passar o tempo.

Anselmo sabia ler um pouco. Dava pro gasto, como se costuma dizer. Naquele momento ele se lembrou da Escola Rural e dos três anos que pôde cursá-la. A figura da professorinha que vinha de charrete da cidade acudiu-lhe à mente.

Sem muito interesse ele desembulhou o livro e distraidamente leu o título: O

EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - Allan Kardec. O título despertou nele a curiosidade. Ele não fazia a menor idéia do que fosse, no entanto, resolveu folheá-lo, e abrindo-o ao acaso deu com o capítulo sexto, O Cristo Consolador; e ao ler o convite do Cristo, O Vinde a Mim, emocionou-se muito, pois mais do que ninguém ele era um sofredor. Com as dificuldades de uma pessoa pouco letrada ele começou a ler o texto com muito interesse e maravilhou-se com os conceitos de Allan Kardec. Ele sentiu a justeza das palavras de Kardec ao analisar o quanto sofre aqueles que não têm uma crença, ou que simplesmente duvidam. Coisa estranha, pensou ele, embora o Asilo tivesse uma igreja, jamais sentira inclinação para frequentá-la. Ele não era um ateu ou um revoltado, mas a sua indiferença para com o Criador era como que uma resposta ao sofrimento. Mas, agora, aqueles conceitos lidos no capítulo sexto do Evangelho segundo o Espiritismo, era uma resposta às suas angústias. Então ele resolveu ler o livro inteiro, mesmo que levasse muito tempo, pois tempo era uma coisa que ele tinha de sobra. Ele começou da introdução e na verdade não entendeu muita coisa, pois nunca ouvira falar de Sócrates e Platão e nem mesmo sabia o que significava a palavra "precursores"; mas, isso não foi obstáculo para sua leitura.

Anselmo mergulhou na leitura e esqueceu tudo o que o cercava. Sou amigo, o que lhe dera o livro, cansou-se de esperar que ele lhe desse um pouco de atenção, pois ele tinha muitas novidades pra contar. Levantou-se e foi-se embora sem que Anselmo dissesse se apercebesse.

Capítulo IX A VISITA DO MÉDICO

Anselmo já havia lido vários trechos do livro abrindo-o ao acaso, e todos pareciam ser respostas às suas dúvidas e angústias, quando resolveu iniciar a leitura do começo. Ele já estava lendo há algum tempo quando a sua atenção foi despertada por alguém que o chamava insistentemente pelo nome. A custo ele percebeu que o sorridente e simpático Dr. Rubens estava ao lado do seu leito, com o seu prontuário na mão, para a visita de rotina.

Ele cumprimentou o paciente e examinou suas condições gerais prescrevendo o que lhe era necessário e depois pediu para ver o nome do livro que o interessava tanto. Anselmo entregou-lhe o livro e o Dr. Rubens exclamou baixinho:

—Muito interessante! Depois indagou: Anselmo, você é espírita?

—Não, doutor. Nem sei o que é isso. Nunca ouvi falar do Espiritismo; mas, sabe doutor, esse livro está me fazendo um bem imenso, É como se de repente uma água frequinha caísse sobre o meu coração ressequido. Sabe, doutor, eu vou ler esse livro até o fim. Meu Deus, como a gente pôde viver tanto tempo ignorando tudo isso?

—Anselmo, eu tenho ainda alguns paciente para examinar. Creio que termino em 40 minutos ou uma hora. Posso voltar aqui e conversar com você sobre este livro?

—Claro, doutor! Vai ser uma honra pra mim.

O Dr. Rubens saiu assobiando baixinho e uma enfermeira, aliás, uma paciente que exercia funções de enfermeira, observou:

—Está feliz, Dr. Rubens?

Todos os pacientes sabiam que o Dr. Rubens assobiava sempre e invariavelmente duas canções. Uma nostálgica, dolente, quando ele estava triste ou preocupado, e uma outra alegre e vivaz, quando estava satisfeito. A única resposta do médico foi um aceno de mão para a enfermeira.

Quase uma hora depois voltou, como havia prometido, e sentando-se na beirada da cama, coisa que os médicos e funcionários sadios não faziam nunca, o veterano e estimado médico foi logo dizendo:

—Sabe, Anselmo, eu sou espírita e sempre tive uma vontade imensa de falar sobre o Espiritismo aos meus pacientes; mas sempre fico inibido e não consigo; porém, vendo você tão concentrado na leitura do Evangelho segundo o Espiritismo, e, principalmente depois do que você me disse sobre o efeito do livro em seu íntimo, perdi toda inibição e agora estou aqui para conversarmos sobre esse maravilhoso livro.

O médico sentou-se mais confortavelmente na cama e começou a falar sobre o Espiritismo e sobre Allan Kardec. Explicou que a Doutrina Espírita nascera na França e que era a realização da promessa de Cristo sobre o Consolador. Falou da mediunidade e de como os mortos podiam comunicar-se com os vivos através de indivíduos denominados "médiuns", o que encheu Anselmo de espanto. Falou demoradamente da reencarnação e da lei de causa e efeito, deixando claro que a reencarnação era oportunidade de aprendizado e de progresso. Falou também das pessoas que sofrem porque cometeram erros graves em vidas passadas e pedem para pagar os seus erros. Enfatizou que todas as pessoas já tiveram muitas vidas, onde foram homens ou mulheres, ricos ou pobres, poderosos ou fracos.

—Eu já tive muitas vidas? perguntou Anselmo.

— Sem dúvida. Todos já vivemos muitas vezes, milhares, talvez.

— Mas como é que eu não me lembro?

— Você não se lembra pela misericórdia de Deus, que determina o esquecimento para que possamos viver mais livremente, pois, se lembrássemos de nossos erros a vida seria muito mais amarga.

Foi nesse momento que Anselmo se lembrou do seu estranho sonho e contou-o ao Dr. Rubens, que por sua vez ficou maravilhado e fez várias perguntas. Depois ele tentou explicar ao Anselmo que aquela fora uma revelação.

Certamente foi antes da sua atual vida, e juntamente com um espírito guia, que planejou a sua nova existência.

Mesmo sem muita cultura Anselmo assimilava bem as palavras do médico, que

Ihe contou sobre os outros livros de Allan Kardec e outros autores como Léon Denis. Falou também sobre Eurípedes Barsanulfo e o Dr. Bezerra de Menezes, o médico dos pobres.

Horas depois o Dr. Rubens saía do quarto de Anselmo, assobiando alegremente a sua canção favorita. Por sua vez, Anselmo percebeu que algo muito bom estava acontecendo, e que aqueles novos conhecimentos era como uma mensagem para os novos tempos.

O Dr. Rubens passou a ter em Anselmo um amigo, e sempre que podia ia falar-lhe sobre o Espiritismo. Comumente trazia-lhe pequenos presentes como livros, revistas, doces, às vezes uma camisa, um pijama e quando Anselmo já estava em condições de receber alta hospitalar e voltar para a vida da Colônia, sabedor das dificuldades que ele teria para se movimentar, o médico segurou a alta até que pôde conseguir uma cadeira de rodas para que Anselmo pudesse se locomover.

Ao retornar ao seu pavilhão, onde dividia um quarto com mais três pacientes, Anselmo começou a contar sobre a Doutrina Espírita aos seus companheiros e alguns ironizaram, chamaram-no de macumbeiro ou simplesmente riram. Um outro disse que eie era tão maluco quanto o Dr. Rubens. Mas alguns gostaram da idéia e combinaram formar um pequeno grupo de estudos, ao qual o Dr. Rubens vinha ministrar aulas sempre que podia. Com a aceitação dos três companheiros, que notaram a grande diferença de humor e comportamento de Anselmo, as reuniões eram feitas no seu quarto uma vez por semana. Além dos três companheiros, mais duas pessoas participavam do grupo inicial.

Capítulo X NASCE UM GRUPO ESPÍRITA NA COLÔNIA

Antes de narrarmos o nascimento do Grupo Espírita precisamos descrever, mesmo que palidamente, o que era uma colônia de hansenianos. Todas elas tinham semelhanças. Esta tinha mais de 60 alqueires, inclusive com uma zona rural, onde Anselmo trabalhou algum tempo antes de sua saúde ter declinado.

Além do Ambulatório Médico e um pequeno hospital com um modesto Centro Cirúrgico e farmácia, havia pavilhões para os internos, com dormitórios coletivos ou com quartos para duas pessoas, Nestes pavilhões moravam os pacientes solteiros ou mesmo casados, mas que estavam sozinhos no hospital. Além disso havia casas para os casais internados, ou para os que se casavam no hospital.

Crianças nascidas desses casamentos eram levadas imediatamente para fora e ficavam sob cuidados dos familiares, quando existiam e a queriam, ou para instituições do Estado. Além disso, havia menores internados, portadores do mal

de hansem, e que moravam num pavilhão especial.

Consequentemente havia escola, cinema, teatro, campo de futebol, quadras esportivas, salão de festas, igreja católica e uma ou outra denominação evangélica, prefeitura, delegacia, policiamento interno e muitas outras coisas, como oficinas diversas e enfermagem, tudo isso exercido pelos próprios pacientes. Algumas colônias chegaram a ter emissoras de rádio.

Havia épocas em que a demanda era maior do que o número de vagas existentes e pacientes eram alojados em corredores dos pavilhões; ou apertavam-se um pouco os alojamentos para que mais um paciente fosse alojado. Assim aconteceu com Anselmo. Seu quarto, destinado a três pessoas, alojava quatro, embora apertadamente.

Foi nele que aconteceram as primeiras reuniões espíritas. Anselmo, seus companheiros de quarto e mais dois pacientes reuniam-se uma vez por semana para estudarem a Doutrina Espírita, orarem juntos e se ajudarem mutuamente a carregar o pesado fardo das provações. De quando em quando o Dr. Rubens participava e dava maravilhosas aulas de Espiritismo e também aplicava-lhes passes magnéticos.

Algum tempo depois do início dessas reuniões Anselmo foi chamado à delegacia interna para explicar a finalidade daquelas reuniões. Alguém denunciara o grupo como uma ameaça, pois lidavam com coisas sobrenaturais.

Anselmo foi admoestado pelas autoridades internas e aconselhado a abandonar aquelas idéias perigosas para a sua saúde mental. Com muita humildade ele procurou argumentar com o delegado e seu auxiliar, que não o queriam ouvir. Porém a situação mudou quando, avisado por um companheiro do grupo, o Dr. Rubens compareceu à delegacia e assumiu para si toda responsabilidade. Como ele era um médico muito benquisto, que dedicava toda a sua vida profissional aos seus pacientes, com prejuízo do seu consultório e da sua vida particular, e como ele tinha um forte carisma, a posição da autoridade interna mudou e com uma certa subalternidade o delegado disse:

—Bom, se é coisa do Dr. Rubens não posso dizer nada. Tenho toda confiança.

Entretando, o delegado informou ao Diretor do hospital, que chamou o Dr. Rubens para explicações e, satisfeito com os esclarecimentos, liberou as atividades do pequeno grupo.

Entretanto, como o grupo estava crescendo e havia algumas mulheres que,dele queriam participar, mas não podiam ir ao quarto de Anselmo por ser proibido, o Dr. Rubens solicitou do diretor o uso de uma sala que permanecia fechada à noite; este acabou concordando e autorizou o Grupo Espírita, que escolhera o sugestivo nome de Esperança, a reunir-se numa sala maior.

Quando o Dr. Rubens comparecia às reuniões aprofundava os estudos até o nível de compreensão daquelas pessoas, mas, inevitavelmente, parte da reunião era dedicada a perguntas e temas importantes da Doutrina Espírita, que eram

elucidados pelo bondoso médico.

A maior parte das perguntas era sobre a reencarnação e a lei de causa e efeito. O médico explicava pacientemente o funcionamento dessas leis, mas procurava colocar na mente dos seus tutelados que nem sempre o sofrimento é pagamento de erros do passado, mas pode ser, também crescimento, evolução, amor, estímulo para a caminhada.

Num mundo de expiações e provas, como o nosso, dizia ele, é natural que existam tantas dores e tantos males. Um dia a humanidade aprenderá a ser melhor. Estamos aqui para construir um mundo de fraternidade, amor e justiça e a Doutrina Espírita ajudará a construir esse mundo.

Algumas pessoas começaram a apresentar sinais de mediunidade e o Dr. Rubens orientava-as carinhosamente. Havia uma senhora que já tinha freqüentado um Centro Espírita antes de ser internada, e sabendo do Grupo Espírita Esperança, quis participar. Como ela era médium "desenvolvida", mas não educada, criou alguns problemas, pois um espírito, denominando-se "guia", quis dominar o grupo, transmitindo orientações absurdas. A princípio o grupo se desestabilizou, mas a influência firme do médico e o conhecimento adquirido por Anselmo e seus companheiros, anulou a tentativa do espírito, que acabou por ser um modesto, mas bom colaborador do grupo.

Com o tempo caravanas espíritas começaram a visitar a Colônia por causa do Grupo Espírita Esperança. Elas eram recebidas com muita alegria e palestras memoráveis, de grandes expositores espíritas da região e mesmo da capital, foram realizadas. O Grupo crescera bastante. Já corria o ano de **1947** e de há muito tempo que os pacientes ouviam falar de um medicamento que curaria a lepra. A ditadura Getulista havia caído e o Brasil respirava ares democráticos. Muita coisa mudara na vida do país, mas a situação dos hansenianos continuava quase a mesma. Alguns pacientes ricos conseguiam comprar um medicamento injetável chamado Promanid e conseguira melhoras extraordinárias no seu estado de saúde.

Foi uma Caravana Espírita que afinal levou ao hospital algumas caixas desse medicamento. Cada caixa continha **24** ou **25** ampolas de **12**cm de Sulfona, eram aplicadas por via endovenosa. Anselmo foi um dos contemplados e sob supervisão médica começou o seu tratamento com essa nova droga. Por felicidade sua os caravaneiros se desdobravam para conseguir o medicamento e algum tempo depois o próprio governo estadual se encarregou de importá-lo. Bem mais tarde, não somente o Promanid, mas outros medicamentos sulfônicos por via oral começaram a ser fabricados no Brasil.

O organismo de Anselmo reagiu muito bem e depois de alguns meses seu estado geral melhorou bastante. Ele tinha a voz roufenha devido à lepra, e seus olhos apresentavam alguma deficiência, mas a breve tempo não só a vista como a garganta estavam em excelentes condições. Outra coisa que deixou Anselmo muito feliz foi a melhora obtida no nariz. Pouco a pouco desapareceu aquele

intumescimento e a obstrução constante: Anselmo voltou a respirar pelas narinas, coisa que não fazia há muito tempo. Um dia, antes de iniciar uma das reuniões do Grupo Espírita Esperança, o Dr. Rubens observou insistentemente o rosto e os braços de Anselmo e, depois de algum tempo, disse:

—Sabe, Anselmo, você está melhorando a olhos vistos; se tudo continuar assim, logo você será apresentado a uma "Junta Médica" para receber alta hospitalar.

Anselmo sentiu uma alegria imensa e agradeceu a Deus por tudo o que de bom vinha acontecendo em sua vida. Continuou o tratamento com muita alegria, e a alegria parecia ajudá-lo mais ainda. Ele pensou consigo mesmo que ainda era cedo para comunicar a novidade a Cidi- nha. Não queria lhe dar falsas esperanças.

Capítulo XI A ROTINA DIÁRIA

A vida de Anselmo seguia uma rotina que em outras condições seria insuportável. Preso a uma cadeira de rodas devido a uma perna amputada, ao acordar pela manhã, antes do desjejum dirigia-se à sala de injeções com sua ampola de Promanid para receber a aplicação diária endovenosa. Depois dirigia-se ao refeitório gerai para o café da manhã e a seguir o bate-papo com os amigos e a leitura de jornais, quando os tinha. O Dr. Rubens havia presenteado Anselmo com uma assinatura do Jornal O Clarim, fundado em 1905 pelo extraordinário Cairbar Sçhutel.

Aiém disso Anselmo estudava as obras espíritas que ganhava dos caravaneiros e conseguiu um dicionário, que consultava com certa dificuldade, mas que lhe proporcionava um melhor entendimento de algumas palavras. A verdade é que de um indivíduo tímido, retraído, fechado, o entendimento espírita fizera dele um homem descontraído, alegre, extrovertido.

A princípio Anselmo começou a aceitar discussões com companheiros de outras crenças, especialmente os da Igreja Protestante. Ele já era Senhor de sólida argumentação, e sentia um certo prazer em esmagar os argumentos bíblicos dos interlocutores.

Um dia ele defendia com galhardia a reencamação e a lei de causa e efeito contra a predestinação e a existência de um primeiro casal que fora expulso do Paraíso, quando o Dr. Rubens chegou de mansinho e ficou ouvindo com certa preocupação. Depois, na primeira oportunidade, a sós com Anselmo, o querido médico disse suavemente:

— Anselmo, o conhecimento espírita não é chicote para vergastar impiedosamente o próximo, e sim bálsamo, conforto e esperança para os que precisarem dele. Não somos reformadores do mundo, mas tentamos ser

construtores de um mundo de bondade, esperança e justiça.

Anselmo abaixou a cabeça envergonhado, mas o médico abraçou-o fraternalmente e pela primeira vez depositou-lhe um beijo na fronte. O Dr. Rubens saiu deixando Anselmo a meditar e com duas lágrimas escorrendo-lhe dos olhos. Nunca mais ele discutiu religião com quem quer que fosse, mas se alguém lhe perguntava alguma coisa sobre o Espiritismo, ele dava todas as explicações de que era capaz.

Assim a vida ia passando no arrastar monótono do dia-a-dia. Mas para Anselmo havia fortes motivações para viver. Além da sua amada Doutrina Espírita, e das reuniões semanais de estudo, e agora, também, de prática da mediunidade, havia a forte esperança de curar-se e retornar à sua casa, à sua família, beijar os filhos sem medo de contaminá-los e recomeçar a vida com Cidinha.

Quantas vezes ele sonhou estar chegando de carro na porta do seu ranchinho e chorando de alegria rever os filhos, agora já grandinhos, e Cidinha com toda a sua formosura cabocla, acenar para os vizinhos e depois, com alguém empurrando a sua cadeira de rodas, visitar as plantações da fazenda do Cel. Teodorico, onde ele viveu sua infância e juventude. Ao acordar, ainda na colônia, tinha suas forças redobradas e a certeza de que se curaria. Afinal, muitas pessoas já tinham recebido alta e retornado para suas famílias.

Sua maior alegria era quando alguma caravana espírita ia visitá-los. Os abraços fraternais, as palestras de grandes oradores que vinham com as caravanas, os livros com que eram apresentados, tudo isso levava um novo ânimo para o pequeno grupo espírita interno, mas sobretudo para Anselmo.

A princípio ele só ouvia, porém, instado pelos visitantes e pelos amigos do Grupo Espírita Esperança, que o tinha como um líder, pouco a pouco começou a falar, a expor seu pensamento doutrinário, sólido, até iluminado. Ao falar sobre a Lei de Causa e Efeito e a reencarnação, inflamava-se e expunha com lucidez o seu pensamento. Para ele o sofrimento não era apenas o pagamento de débitos de vidas passadas, mas, também, aprendizado, crescimento, evolução. Ele via o planeta Terra como uma grande escola e os seus habitantes como alunos em várias séries desta escola.

Um dia, ao ser parabenizado pelo Dr. Rubens pela sua brilhante argumentação, ele sorriu e disse ao médico que até algum tempo atrás ele nem sabia direito que o planeta era redondo e que do outro lado do mundo havia habitantes. Até então, e sabia, sim, como cuidar de uma plantação de café, ou como arar a terra, adubá-la, e como criar porcos ou galinhas.

Anselmo via com satisfação muitos internados receberem suas altas e saírem do Sanatório para reiniciar a vida lá fora. Alguns companheiros espíritas também saíram, enfraquecendo aparentemente o Grupo, mas o entusiasmo dos que ficavam redobrava.

Anselmo nunca tinha sido procurado para aconselhamento em assunto muito grave, porém, naquela noite, ao sair da reunião do Grupo Espírita Esperança,

encontrou um amigo que o esperava e pediu para falar-lhe em particular. Olhar muito sério, esfregava nervosamente as mãos e disse que Anselmo era a única pessoa a quem ele confiaria aquele segredo. Anselmo quis esquivar-se, receoso de não estar à altura da confiança do Dorival, mas este insistiu, pois nem ao Padre tivera coragem de revelar o que sentia.

Anselmo elevou o pensamento pedindo auxílio aos espíritos superiores e, se dispôs a ouvir.

— Sabe, Anselmo, eu vou passar pela junta médica para receber alta, começou a falar o amigo.

— Ótimo! E a sua companheira, também vai?

— Esse é o problema. Nós somos "amigados", você sabe, não é mesmo?

— Sim, mas desde que vocês se amam, isso não importa.

— Bom, a verdade é que a gente não se ama. Foi um negócio conveniente para mim e para ela. Mas o pior não é isso. Eu sou casado lá fora e tenho um filho. Eu pensava que nunca mais sairia daqui e agora vou sair. O que faço, Anselmo? Vou para minha casa ou saio com a Carola e monto outra casa?

Anselmo pensou muito e depois respondeu:

— Não vejo outra solução. Creio que você deve expor a situação à sua esposa e, juntamente com a Carola, encontrarem uma solução.

Alguns meses depois Dorival voltava para sua casa, pois a esposa compreendera a situação vivida por ele, e Carola preferiu continuar no Sanatório, já que não tinha muita motivação para sair.

Embora este caso tenha se resolvido a contento, Anselmo soube que existiram outros em que não houve retorno para o lar. Soube de casos de brigas e inimizades e pensou que ninguém havia previsto tais coisas.

Capítulo XII GRANDES MUDANÇAS

Corria o ano de **1952** e a saúde de Anselmo melhorava extraordinariamente. Seus exames baciloscópicos, tanto do muco nasal como das lesões da pele tinham negativado, havia já alguns meses. Seu médico dermatologista lhe comunicou que o indicaria para a junta médica que visitaria o Sanatório dentro de alguns meses e assim ele receberia alta hospitalar.

Anselmo não cabia em si de alegria e naquela noite fez a abertura da reunião do Grupo Espírita Esperança com uma prece profunda e bela, onde ele agradecia a Deus por tudo de bom que lhe vinha acontecendo, e agora, a felicidade maior, voltar para casa!

A princípio ele pensou em não escrever para sua casa, mas não agüentou muitos dias. Tinha que dividir toda aquela alegria com a Cidi- nha! Foi para seu

quarto disposto a escrever para sua casa. Tomou de uma caneta e papél e escreveu o cabeçalho: Sanatório... 20 de setembro de 1952, Escreveu e parou por instantes, rememorando fatos acontecidos. Lembrou-se, de que chegara ao então Asilo Colônia em dezembro de 1940. O seu estado geral já estava comprometido, mas ainda conseguira trabalhar por algum tempo na zona rural do Asilo, cuidando de vacas e plantando milho, melancia e outras frutas. Ganhava um parco salário que atendia suas despesas e sobrava alguma coisa para mandar para sua casa. Depois a saúde declinara rapidamente e aquelas feridas na sola do pé o atormentavam. Posteriormente, apareceram úlceras nas pernas e sua voz ficara roufenha. Respirar, só pela boca. No nariz formara-se uma sela, afundando-o parcialmente. Os dedos, se recurvaram e ficaram muito grossos e insensíveis. Anselmo mal acreditara na sua nova situação. Depois lembrou-se de que a amputação da sua perna direita se dera em dezembro de 1945, alguns dias antes do Natal, o que marcou sua conversão ao Espiritismo e o início da amizade com o Dr. Rubens. Por um ano as reuniões se deram no seu quarto, e foi com a sala que o Dr. Rubens conseguira para as reuniões que nascera o Grupo Espírita Esperança, com a reunião de fundação na antevéspera do Natal de 1946.

Depois, por um capricho do destino, talvez, em dezembro de 1947 ele ganhara sua primeira caixa de Promanid e iniciara seu tratamento; e agora, a junta médica marcara a sua visita para o início de dezembro de 1952. Doze anos se tinham passado, e mais parecia doze séculos. Ele percebeu, também, que nesses doze anos poucas cartas escrevera e também poucas recebera de sua casa.

Ele iniciou com um protocolar "querida esposa", e depois derramou todo o seu sentimento, todas as emoções represadas por tanto tempo. Com enorme alegria contou que iria receber alta e voltar curado para casa. Contou que havia perdido uma perna, mas que seria capaz de fazer pequenos serviços. Queria curtir o crescimento dos filhos e ajudar a educá-los, aliviando os ombros da esposa do peso da responsabilidade de cuidar deles sozinha.

Terminada a carta, selou-a e a colocou no correio interno do Sanatório: um funcionário sadio viria recolher a correspondência para colocá-la no correio da cidade mais próxima. Alguns anos antes ele teria sido obrigado a colocar a carta aberta no correio interno e esta seria desinfetada e censurada, para evitar que o internado fizesse algum comentário desairoso sobre o hospital.

Os dias começaram a passar lentamente; uma semana, um mês, quase dois meses e nenhuma resposta. Anselmo começou a pensar que a carta havia sido extraviada, pois isso era comum na época. Seria melhor escrever outra carta. Estava pensando assim quando um de seus companheiros de quarto veio trazer-lhe uma carta que retirara na agência do correio.

Anselmo apertou-a contra o peito e ficou longos minutos pensando na surpresa e felicidade de Cidinha, e como ela estaria ansiosa para tê-lo de volta!

Capítulo XIII TRISTEZA E DOR

Depois de longos minutos em que reteve a carta junto ao coração, Anselmo abriu-a nervosamente e começou a ler. A princípio Cidinha demonstrava toda a sua alegria e a sua gratidão a Deus pela recuperação da saúde do marido. Com palavras simples, fez os olhos de Anselmo ficarem marejados de lágrimas. Depois, pediu ao companheiro que tentasse entendê-la, mas ela precisava contar-lhe algo muito grave.

— Quando te levaram embora, roubando-o do meu coração, e todos diziam, inclusive o médico que veio nos examinar, que você nunca mais voltaria para casa, desesperei-me e caí de cama, querendo morrer também. Foi o querido compadre Mariano que veio falar comigo e trouxe a comadre Madalena para limpar a casa e cuidar das crianças. Eu não queria ouvir, só queria morrer, mas não tinha coragem de me matar. Pouco a pouco, com as palavras enérgicas do compadre, fui saindo daquele torpor para cuidar das crianças. Começou a faltar comida em casa e fui pedir ao Coronel que me deixasse trabalhar na roça, e ele deixou. A vida era muito dura. Passamos fome e muitas necessidades. As crianças estavam magras e doentes; o compadre Mariano, coitado, fazia o que podia, mas como você sabe, ele também era pobre. Minha vida era trabalhar e chorar. Nosso caçula por duas vezes esteve à beira da morte e eu cheguei a desejar que ele morresse para não sofrer mais.

Você tinha sido arrancado do meu coração havia quatro anos, e eu estava vendo que ia morrer de dor, cansaço e fraqueza, e as crianças iam ficar sozinhas. Aí apareceu um homem que começou a nos ajudar.

Comprou remédios para as crianças, e deu-nos mantimentos e roupas. Depois de alguns meses ele me contou que era viúvo e que tinha uma filha de sete anos que precisava de uma mãe, e as minhas crianças precisavam de um pai e a minha casa de um homem. Propôs que vivêssemos juntos. Sentindo a minha dúvida ele retirou-se e disse que esperaria uma resposta. Demorei mais de um mês pensando e aceitei a oferta dele. Mudamos para a cidade e ele cuidou e tem cuidado de nossos filhos como se fossem dele próprio. Me perdoe, Anselmo, mas hoje tenho dois filhos dele. Meu amor, me perdoe, mas eu lhe peço, por tudo quanto é sagrado para você, lhe peço em nome de nossos filhos, não volte para casa. Seja feliz, reconstrua sua vida, mas não volte, Anselmo. Peço-lhe perdão por não ter lhe contado antes, mas não tive coragem. Me perdoe, pelo amor de Deus!

Anselmo começou a sentir uma forte dor no peito, como se uma mão de aço apertasse o seu coração. Sua respiração começou a ficar difícil e ele sentiu que ia morrer. Felizmente, seu companheiro de quarto percebeu o que se passava, saiu correndo em busca de socorro e em poucos minutos o Dr. Rubens, que vinha à

procura de Anselmo para conversar, providenciou a sua remoção para a enfermaria, aplicou toda a sua ciência médica para salvar Anselmo do ataque cardíaco, e com a ajuda dos bons espíritos, conseguiu.

Passaram-se os dias; apesar de estar fora de perigo Anselmo mantinha-se apático desinteressado por tudo que o rodeava. Não queria se alimentar, não queria tomar os remédios e ficava muito tempo fitando o vácuo. Nem mesmo as visitas do Dr. Rubens o animavam. Numa dessas visitas o médico pediu-lhe que ele abrisse o coração e falasse do que estava acontecendo. Anselmo, sem dizer uma palavra, estendeu-lhe a carta da esposa, já amarfanhada e com muitas manchas provocadas pelas lágrimas daquele homem sofrido. O Dr. Rubens leu a carta e não conteve as lágrimas. Abraçou o amigo e chorou com ele por alguns instantes. Depois, falou suave e firmemente ao companheiro que ele tinha que reagir e continuar vivendo. Que ele não tinha o direito de recriminar a esposa, e que hoje ele tinha uma imensa família.

As visitas do Dr. Rubens passaram a ser diárias e pouco a pouco Anselmo safava da apatia e recuperava a saúde. No início de dezembro ele submeteu-se à junta médica e recebeu alta. Uma das caravanas que visitavam o Sanatório de quando em quando, convidou Anselmo para morar no fundos do Centro Espírita, num quarto independente que eles tinham construído. Anselmo a princípio não queria aceitar, argumentou que ele seria um estorvo, mas os caravaneiros insistiram muito e ele acabou concordando; mas quis passar o Natal no Sanatório, junto com os amigos.

Anselmo sofria intimamente. Se fosse para sair do Sanatório e ir para casa, não pensaria duas vezes; mas, ir para um lugar estranho, sem saber se daria certo... talvez fosse melhor continuar ali, onde ele era útil de alguma forma. Na dúvida ele foi conversar com o Dr. Rubens e este incentivou-o a sair do hospital:

— Creio que há uma grande tarefa para você lá fora, disse o médico.

A reunião de despedida aos companheiros do Grupo Espírita Esperança foi comovente. Risos e lágrimas se misturaram e até pedidos para que ele não fosse embora. Anselmo agradeceu a todos e fez uma linda preleção sobre a amizade que os unia, sobre o conhecimento espírita que aclara os caminhos e a certeza de, que permaneceriam unidos. Pouco a pouco ele começou a sentir-se tonto e uma força estranha começou a apossar-se dele. Sua voz foi aumentando de intensidade e o raciocínio tornou-se claro e límpido. Ele nunca havia sentido tal fenômeno, pelo menos com tanta força, e ele abandonou-se àquela energia suave e constrangedora ao mesmo tempo e foi da misericórdia de Deus, que lhes concedia, após milênio de sofrimento, o remédio para curar a terrível moléstia. Recordou o Vale dos Leprosos próximo a Jerusalém e a figura misericordiosa de Jesus de Nazaré. Depois recordou a passagem de Lucas que Relata a cura de dez leprosos, nomeou cada um deles e falou sobre o que fizeram e o que estão

fazendo na vida infinita. Ao falar do Samaritano seus olhos se encheram de lágrimas, e exclamou:

— Ah, Samaritano, Samaritano, como eu gostaria de estar ao seu lado e beijar os seus pés!

Um nome saiu quase num estalido: Efraim! Houve um minuto do mais puro silêncio. Depois Anselmo prosseguiu:

— Efraim teve todas as oportunidades de construir uma vida melhor, mas só despertou com o sofrimento. Quantos desejaram ter estado com Jesus e não puderam! Ele esteve, mas só pensou em si. Agradecer, para quê? dizia ele. Se fora curado é porque merecera. Quase dois mil anos e estou (aquele "estou", escapou inadvertidamente) ainda às voltas com a lepra. Mas hoje sei que a redenção está próxima. Estamos pagando dívidas de um passado obscuro? Talvez. Com certeza estamos crescendo.

Voltando a um tom normal de voz, ele concluiu:

— Vou-me embora, mas uma parte de mim ficará aqui, neste recanto de dor e redenção. Quando aqui cheguei pensei que fosse o meu túmulo, mas saio para a ressurreição moral. Mestre, faça-se em mim segundo a sua vontade.

Capítulo XIV NOVAS TAREFAS

Alguns dias depois dois amigos espíritas vieram buscá-lo para ir morar numa pequena cidade do interior do seu Estado, relativamente longe da cidade em que nascera e onde Cidinha ainda morava com os filhos. As malas já estavam prontas e a bagagem era pequena, apenas algumas peças de roupas e alguns livros espíritas que ele amava, especialmente o exemplar do Evangelho Segundo o Espiritismo, que mudara a sua vida. Nele Anselmo escreveu uma data e anotou: "Neste dia deixei de ser um cego do espírito e encontrei um caminho que me leva à verdade e à Vida. Agora sou espírita e agradeço a Deus por existir".

Os dois amigos vieram de carro e antes de pegarem o caminho que leva à portaria do hospital, deram uma longa volta para que Anselmo se despedisse visualmente do seu VALE DE LUZ, como ele chamava o Sanatório, e também despedir-se de alguns amigos. Pararam à frente do pequeno prédio que era a sede do Centro Espírita Esperança e duas grossas lágrimas se debruçaram sobre as bordas das pálpebras de Anselmo e rolaram nostálgicas a evidenciar a saudade que já se fazia presente.

Viajaram mais de três horas de carro e chagaram ao destino. Anselmo ficou encantado com o pequeno, mas confortável quarto que construíram para ele e logo os outros membros da diretoria do Centro Espírita foram cumprimentá-lo. Esta tudo acertado. A zeladora do Centro traria as suas refeições diariamente

e cuidaria da limpeza do quarto e das suas roupas. Naquela mesma noite Anselmo participou da reunião espírita, um pouco envergonhado, principalmente quando lhe ofereceram a palavra para comentar o Evangelho. Ele declinou do convite por não julgar-se capaz e os companheiros não insistiram, deixando-o à vontade.

Aos poucos ele foi se desinibindo e passou a fazer pequenas palestras. A princípio os frequentadores da casa estranharam aquele homem tão marcado pelo sofrimento, mas pouco a pouco começaram procurá-lo para aconselhamentos. Aos poucos ele foi criando uma reputação extraordinária e desenvolveu uma aguda intuição, assim como outras faculdades mediúnicas, inclusive de curas. Ele nunca se sentia cansado, pois queria aproveitar ao máximo os anos que lhe restavam no corpo físico.

A freqüência ao Centro Espírita aumentou muito e a diretoria estava muito contente. Entretanto, nas reuniões da diretoria, sempre que era chamado a participar, ele reiterava a necessidade de um planejamento de estudos, pois, se as pessoas procuravam o Centro por causa das curas que ali se operavam, era necessário dar o ensinamento que liberta.

Nas preleções, que ele já fazia com desenvoltura, afirmava sempre que a verdadeira cura é a do espírito. O corpo, dizia ele, cedo ou tarde vai morrer e o Espiritismo não veio tão somente para curar corpos perecíveis.

Quando lhe perguntavam de onde tirara tais conceitos ele dizia que um dia acordara pela manhã com aquelas palavras ressoando em seus ouvidos. Certamente ele estivera em algum lugar onde alguém pregava aqueles ensinamentos. Nunca mais os esqueceu.

Em certo tempo ele passou a ser procurado para aconselhamentos. Um dia ele atendeu uma jovem, quase menina, que engravidara indevidamente e seus pais queriam que ela abortasse. A menina tinha fisionomia triste e sofredora. Já não se alimentava direito havia alguns dias e estava quase cedendo às influências dos pais.

Anselmo encorajou-a a ter aquela criança. Falou da sublimidade da maternidade e aconselhou-a a não odiar o rapaz que covardemente não assumira a paternidade. A menina chorava porque os pais ameaçaram expulsá-la de casa. Anselmo falou em tom quase profético:

Isto não vai acontecer, porque seus pais se apaixonarão pela criança, que foi alguém muito querido para eles no passado.

Dois dias depois um homem extremamente nervoso foi procurá-lo para tirar satisfações. Quem lhe dera o direito de imiscuir-se na vida da sua família? Ele não queria uma filha solteira carregando um filho espúrio e se preciso fosse daria uma surra no conselheiro. Mas, ao ver Anselmo na cadeira de rodas e com tantas marcas do sofrimento, levou um choque e moderou as palavras, embora insistisse em que o aborto era a única solução. Anselmo conversou longamente com ele. Mostrou-lhe que era apenas o amor-próprio, o orgulho que o fazia agir assim. Contou-lhe parte de sua própria tragédia e a tristeza de nunca mais ter podido

abraçar e beijar os próprios filhos. O homem saiu dali impressionado e algum tempo depois era visto nas reuniões públicas do Centro, juntamente com a esposa e a jovem grávida.

Alguns amigos ficaram curiosos ao saber da sua mudança de atitude e ele sempre dizia:

— Não houve nada, apenas aprendi a amar, e quem me ensinou foi aquele homem aleijado.

Quase todos os dias alguém o procurava para aconselhamentos. As vezes era algum marido aventureiro. Outras vezes era uma esposa que abandonara os deveres e a fidelidade. Não raro eram jovens que queriam sair de casa, ir para uma cidade grande e vencer na vida. Doentes desenganados pelos médicos iam em busca de uma cura ou de palavras de conforto. Anselmo já quase não tinha tempo para si mesmo.

Houve um dia em que Anselmo fechou-se em seu quarto, após receber uma carta de um companheiro do Sanatório, comunicando-lhe a desencarnação do Dr. Rubens. Anselmo chorou de saudade e orou serenamente pelo grande amigo, que, sem dúvida nenhuma, estaria amparado pela Vida Superior. Porém, não pôde ficar muito tempo nas suas meditações, pois foram muitos os sofrendores que o procuraram naquele dia.

Foi num domingo à tarde, em que ele se sentia cansado e tomado por profunda nostalgia. A zeladora foi comunicar-lhe que três rapazes e uma moça queriam vê-lo. Ele tentou balbuciar uma desculpa e dispensá-los, mas os jovens insistiram e disseram ser da cidade natal de Anselmo. Ele então convidou-os a entrar e, quando viu os jovens, seu coração acelerou os batimentos e a emoção tomou conta do seu ser. O que aparentava ser mais velho tomou a iniciativa de falar-lhe.

— Nós viemos aqui a pedido de nossa mãe. Por acaso o senhor sabe quem somos?

Anselmo apenas assentiu com a cabeça, pois tinha medo de falare não conter as lágrimas. Finalmente ele falou:

— Como está Cidinha? Espero que bem.

Com voz triste um dos rapazes respondeu:

— Mamãe morreu! E viemos aqui porque ela pediu, no seu leito de morte, que viessemos conhece-lo. Cremos que o Senhor é nosso pai, não é mesmo?

Anselmo tinha ânsias de abraçá-los, apertá-los nos seus braços, mas os jovens pareciam estar ali apenas por causa de um juramento feito a uma moribunda, exceto a jovem que tinha muita ternura no olhar.

— Fale-me um pouco dela, pediu com humildade. Como gostaria de vê-la! Quando saudade, meu Deus...

O garoto mais moço não suportou mais e atirou-se aos braços de Anselmo chorando e rindo ao mesmo tempo, e cobriu seu rosto marcado de cicatrizes com

beijos. E dizia:

— Meu pai, meu paizinho, que saudade imensa, que dor profunda de nunca tê-lo visto, a não ser em meus sonhos!

A menina também não se conteve e, como o irmão mais novo, abraçou o pai e encheu seu rosto de beijos.

Os outros dois rapazes também se aproximaram e abraçaram o velho pai e todos choraram por instantes. Depois o mais velho falou:

— Quando procurávamos localizar o seu endereço algumas pessoas disseram que era fácil localizar o homem santo que atendia a todos. Fiquei perplexo. Deus te negou tudo, foi cruel para com você e mamãe. Crescemos sem a sua presença e você o serve com tanta dedicação. Alguns caipiras o chamam de homem de Deus!

— Meu filho, sou um homem de Deus tanto quanto vocês o são. Tanto quanto todas as pessoas são, mas engana-se pensando que Ele me tirou tudo e foi cruel para conosco.

— Ah, sim, papai, estava esquecendo que o Senhor é espírita e os espíritas justificam o sofrimento com a reencarnação, ou o carma indiano, não é mesmo?

— Não, meu filho, você está equivocado. É verdade que quitamos os nossos erros, mas a vida, o sofrimento e o trabalho são meios de progresso. As dores são degraus de ascensão. Deus não nos cobra nada, nós é que procuramos os meios de resgatar nossas faltas. Deus é amor.

O rapaz abaixou os olhos envergonhado e depois abraçou fortemente o pai. Anselmo pediu para esquecerem os assuntos *tristes e falarem* de como era Cidinha no seu dia-a-dia. Depois *perguntou sobre a vida deles*, o que faziam, qual profissão ou a carreira que *escolheram*. Os rapazes não se fizeram de rogados e conversaram *horas com o pai*. Finalmente pediram:

— Venha morar conosco.

— Não, filhos. Eu seria um estorvo para vocês. *Agradeço a Deus este momento, mas, não posso. Tenho aqui uma imensa família de sofredores e amigos dedicados. Aqui sou útil. Além disso, não seria justo para com o homem que foi o verdadeiro pai de vocês. Vocês devem respeitá-lo e serem gratos para com ele. Todos os gestos de carinho e de bondade que tiverem para com ele, será como se fosse para comigo.*

Pouco depois os moços se despediram e foram embora, *deixando Anselmo que, com os olhos lacrimejantes, juntava Cidinha e o Dr. Rubens numa sentida prece.*

Capítulo XV O REENCONTRO COM O DR. RUBENS

Depois da visita dos filhos Anselmo voltou à sua rotina diária, mas com

redobrado vigor. Acordava muito cedo, um hábito cultivado desde a juventude, só que, agora, nas primeiras horas da manhã, dedicava-se a estudar a Doutrina Espírita. Tinha nos livros de Allan Kardec a sua bússola. Os amigos gostavam de presentear-lo com livros, por isso ele conhecia vários autores e tinha justa admiração pela obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier. Certa vez ele ganhou da diretoria do Centro Espírita, em agradecimento aos relevantes serviços prestados, uma coleção encadernada da Revista Espírita, editada por Allan Kardec de 1858 a 1869. Anselmo mergulhou fundo no estudo dessa revista e passou a ser um profundo conhecedor da obra kardecista.

De um roceiro semi-analfabeto, ele passara a ter uma cultura espírita apreciável e entre seus autores preferidos destacavam-se Léon Denis, Gabriel Delane e Herculano Pires.

Anselmo evitava discussões estéreis, mas estava sempre pronto a colaborar com os programas de estudos do Centro Espírita, incentivando os jovens a se aprofundarem nos estudos e assumirem postos de liderança.

Nos trabalhos de cura sua presença era obrigatória, mas ele deixava sempre, bem claro, que a função do Espiritismo é a de iluminar o espírito imortal, desenvolver nele o amor e a sabedoria, para que não mais adoecesse.

O tempo é implacável na sua carreira, e a areia de um recipiente da ampulheta escorre sem cessar para o outro. Apesar de não ter havido sobressaltos maiores na sua vida, Anselmo sentia o corpo declinar. Não raro tinha que ser forte para levantar cedo e estudar seus amados livros.

Estamos próximos de mais um Natal, era o dia 24 de dezembro de 1972. A reunião do Centro já havia terminado e várias pessoas insistiram com Anselmo para que ele fosse passar a noite de Natal em suas casas. Entretanto ele agradecia e recusava todos os convites, alegando que estava um pouco cansado e queria meditar, orar, pôr seus pensamentos em ordem. Os amigos respeitaram a sua vontade e foram-se embora. Anselmo dirigiu-se para o seu aposento e fechou a porta apôs si, permanecendo na cadeira de rodas, no escuro, pois nem mesmo acendera a luz.

Ele deixou que boas e tristes lembranças passassem pelo seu pensamento. Recordou-se de vários companheiros e deixou a saudade falar alto em seu peito. O relógio da igreja matriz assinalou 11 pancadas e automaticamente seu pensamento voltou-se para o nascimento de Jesus. Ele meditava sobre a missão extraordinária deste espírito, tão extraordinária que quiseram fazer d'Ele o próprio Deus. Sua mensagem de amor e perdão pouco era seguida, mesmo pelos que se denominavam cristãos.

Anselmo meditava no simbolismo do presépio, dos Reis Magos, da viagem a Belém e todos os acessórios que criaram em torno do nascimento de Jesus. De permeio com essas recordações surgiam em sua mente cenas daqueles tempos. Via soldados romanos, sacerdotes, o Templo de Salomão em Jesuralem e as rufas do

Templo do Monte Ga- rasim. Ele via um pavoroso Vale, assim como toda uma população de enfermos chamados de leprosos. Via a si mesmo na companhia de nove outros homens a andar, andar e a perguntar por toda parte pelo Rabi Ga- lileu. Aquela caminhada parecia não ter fim. Viu-se ajoelhado juntamente com aqueles homens a rogar ao moço Galileu que os curasse. Viu-se depois, discutindo com um de seus companheiros, que voltou sozinho para agradecer ao Rabi.

A última coisa exterior a si que percebeu foram as 12 badaladas do relógio da matriz; iniciou, então, uma profunda e sentida prece.

Sua atenção foi despertada por um pequeno ponto luminoso, como se um vagalume estivesse na escuridão do seu quarto. À medida que ele fixava a sua atenção naquela luminosidade, ela aumentava de tamanho. Seria um vaga-lume? Mas como um vaga-lume poderia permanecer parado no espaço? Para seu espanto aquela luz tomara a altura de um homem e do meio dela surgiu, mais luminoso ainda o Dr. Rubens.

— Anselmo, meu querido amigo, vim buscá-lo.

Anselmo sentiu uma forte emoção e lágrimas correram abundantes de seus olhos. Queria abraçar o médico benfeitor, mas não podia ainda.

— Vamos, Anselmo, largue este corpo macerado e venha comigo. Seus amigos estão esperando você com uma festa. Vamos, deixe o seu corpo. Acabou a longa agonia.

Anselmo pediu em pensamento apenas um minuto para escrever um bilhete de despedida aos companheiros do Centro Espírita, no que o médico desencarnado assentiu; mas que fosse breve.

Ele aproximou sua cadeira de rodas da mesa e, sem acender a luz, tomou da caneta e papel e começou a escrever um bilhete de agradecimento;

— Adeus, amigos! Saibam que sempre os amarei e sempre serei grato por tudo que fizeram por mim. Aqui encontrei uma família e espero que vocês continuem sendo uma família. Que o amor seja o principal guia de seus passos. Elevem a Doutrina Espírita ao patamar que ela merece. Não permitam que a cizânia penetre em seus corações...

O Dr. Rubens apressava-o, pois não havia muito tempo. Anselmo percebeu que havia mais espíritos no quarto e dois deles aproxima-ram-se e começaram o desligamento. Anselmo sentiu uma dor aguda no peito e tentou assinar o bilhete, mas seu corpo tombou de borco sobre a mesa e ele pareceu cair num imenso abismo sem fim. Sentiu como se raios luminosos cortassem a sua mente e seus lábios pronunciaram apenas uma palavra:

— Jesus...

Aquela sensação durara poucos segundos e Anselmo viu-se de pé, ao lado de seu corpo tombado sobre a mesa, já sem vida. Seu primeiro pensamento foi para o fato de ter somente uma perna, e automaticamente procurou apoio, mas, olhando-se, viu sua perna íntegra, sadia, como algumas poucas vezes vira em

sonho. Ele debruçou-se sobre o seu corpo inerte e beijou-o, agradecendo ao instrumento das suas dores e do seu progresso.

Depois trocou um forte e demorado abraço com o Dr. Rubens, que após beijá-lo na face, disse-lhe:

— Seja bem-vindo, amigo. Você realmente venceu. Meus parabéns.

Um caminho luminoso desdobrou-se à frente dos dois e uma multidão de amigos ocupavam as duas margens, saudando-os alegremente. Anselmo num gesto espontâneo encontrou as mais belas palavras para uma prece, os versos de um poeta hanseniano, que vivera em outro local, deixando marcas de luz por onde passara:

**ROSAS DE QUE MINHTALMA JÁ SE ENFLORA,
ADORNAI O MEU SINO DE ALEGRIAS!
TERMINOU A TORMENTA DA AGONIA,
CANTAI COMIGO À LUZ DA ETERNA AURORA!**

PRECE DAQUELE QUE NÃO VOLTOU PARA AGRADECER

PRECE DAQUELÈ QUE NÃO VOLTOU PARA AGRADECER

Senhor, lembro-me ainda... Safra do Vale dos Imundos juntamente com nove companheiros e um deles era samaritano. Ouvíramos os rumores longínquos dos teus feitos, especialmente a cura de Simão, o leproso, e de muitos outros enfermos, despertando em nós a esperança de que viesses ao Vale dos Imundos e nos curasse a todos.

No entanto, Senhor, ficamos sabendo que queriam te matar e tememos pela nossa sorte. Esperávamos ansiosamente, e não vinhas... resolvemos, então, sair à tua procura. Dez homens - que digo eu? - dez farrapos humanos roídos pela lepra, mas trazendo dentro do coração enfermidades mais graves.

Procuramos-te por toda parte. Fomos escorraçados de muitos lugares; atiraram-nos pedras e improperios; nossos pés sangravam e nossas feridas enchiam-se de terra, mas continuávamos.

De repente, ao fazer aquela curva do caminho, deparamos com a tua pequena comitiva. Alguém gritou para que parássemos ao longe e caímos de joelhos, implorando misericórdia. Os olhos em prantos e as mãos em forma de garras, erguidas para o céu, nossa voz gutural exclamou: - Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós! Se quiseres, poderá curar-nos!

:(*) Do livro Flores de Outono de Jésus Gonçalves (Edição Lake)

Com que emoção escutamos a tua voz, que mais parecia o murmúrio de um regato de águas frescas e limpas:

EU QUERO, FIQUEM LIMPOS DE SUAS LEPRAS!

Que alegria, Senhor! Abraçamo-nos uns aos outros e o ouvimos dizer ainda:

Vão mostrar-se sacerdote, conforme preceituou Moisés.

E fomos, Senhor. Mas, no caminho aquele samaritano quis voltar para te agradecer. Disse ele que fomos ingratos, e convidou-nos a voltar.

Eu não volto, exclamei. Vou ao Templo e de lá para a minha casa, onde tenho velhas contas a acertar.

Um por um menearam negativamente a cabeça e somente o samaritano voltou. Soubemos mais tarde que perguntaste:

Onde estão os outros nove? Não foram dez os curados e somente esse estrangeiro voltou para agradecer?

Envergonho-me, Senhor! Envergonho-me, não apenas por não ter voltado, mas porque derrubei sobre minha casa o peso do meu pulso, culpando-os do meu opróbrio no Vale do Imundos. Envergonho-me, Senhor, peia dureza do meu coração. Envergonho-me de não ter voltado ao Vale e levado um pouco de esperança àqueles corações que dali não podiam sair.

Ri, Mestre, ri convulsivamente ao saber que o samaritano infiél trabalhava e esmolava a semana inteira e depois ia levar alimentos e roupas, mas, sobretudo, fraternidade e esperança para aquela mferosa população.

Soube depois que as raposas do Templo te pegaram numa armadilha e que não reagiste, deixando-se crucificar... Senti uma emoção estranha, mas não chorei, antes parabeneizei-me por tê-lo encontrado primeiro. Os anos passaram e eu morri. Ao morrer vi-me no mesmo Vale dos deserdados, parecendo-me mais imundo e mais triste. Ali encontrei novamente o samaritano, vestido de luz, a oferecer-me amor. Recusei blasfemando. Indignei-me, fiz ameaças e não sei quanto tempo se passou, entretanto pareceu-me uma eternidade.

Às vezes perdia a noção de tempo e espaço. Minha consciência se obnubilava e tinha a impressão, que o meu choro se transformara em vagido de criança; atordoado, parecia-me que eu não era eu, e depois retornava à consciência de mim mesmo, sempre no mesmo tenebroso Vale.

Lentamente meu coração foi se abrandando e comecei a notar que após cada período de inconsciência, eu me sentia um pouco melhor. A doença era menos intensa. Foi então que o samaritano me contou que esses períodos eram tempos de reencarnações, algumas terminadas na infância mesmo, outras na mocidade e algumas na velhice, em muitas delas tendo por companhia a lepra, e também a rebeldia, o egoísmo, a sensualidade...

Mostrou-me cenas das minhas muitas vidas, desde antes daquela em que não voltei para agradecer. Chorei muito e implorei para que ele me deixasse ajudá-lo em seu trabalho. Ele sorriu satisfeito e fez um sinal para que o acompanhasse.

Passei, então, muitos anos visitando as mais abjetas moradas de espíritos dementados pela dor e pela rebeldia.

Preparei-me para novas reencarnações, tendo agora por amigo e protetor o samaritano, que não protegia somente a mim, e sim uma pequena multidão de estigmatizados. Ao término de cada reencarnação voltava para aquele vale, mas agora em situação bem diferente. Agora eu era teu discípulo, Mestre, e também discípulo do samaritano.

Certa vez, com a fisionomia radiante de alegria, o Samaritano contou-me que iria reencarnar na Terra, num local chamado Brasil e nas primeiras décadas do século XX. Ele seria um médico a cuidar dos doentes de Hansen, e eu seria de certa forma, um dos pacientes. Ao mesmo tempo, disse ele, resgataria algumas dívidas do passado.

Foi assim que aquele samaritano, que voltou para agradecer, re-encarnou na Terra com o nome de Lauro de Souza Lima e dedicou toda a sua vida, até ao sacrifício do seu bem-estar, em favor dos hansenianos, e teve o seu nome abençoado pelos doentes, tal como Padre Damião, Dr. Hansen, Dr. Albert Schwartz, Eunice Weaver, Padre Bento e tantos outros.

Lauro de Souza Lima viu chegar a era da sulfona; lutou pelos direitos dos hansenianos viver com dignidade; amou a sua profissão e o seu semelhante.

Quanto a mim, tive minha última prova como hanseniano; abençoei cada chaga, cada dor, cada gemido. Não pude viver ao lado do Samaritano, mas sua sombra benéfica cobriu-me o corpo ulcerado, pois, se a sulfona me ajudou a curar o corpo, a Doutrina de Alian Kardec, pregada por Jêsus Gonçalves, abriu-me as comportas da verdadeira vida, da vida abundante.

Obrigado, Senhor, por permitir que eu contasse a minha história, a história do homem que não voltou para te agradecer. Hoje sou um humilde caravaneiro de Jêsus Gonçalves, em cujo exército resplandece afigurado Samaritano...

Os outros oito companheiros? Eles tiveram destinos diferentes. Alguns são balizas de luz na caminhada humana. Dois ainda lutam com a lepra moral que extravasa em sofrimentos.

Não querendo ser novamente ingrato, deixo aqui, Raboni, com a tua permissão, a HISTÓRIA DAQUELE QUE NÃO VOLTOU PARA TE AGRADECER.

Assinado - um ex-ingrato.

Guarulhos-SP, madrugada do dia 05 de maio de 1985.

POSFÁCIO

Este livro não seria completo se não falássemos de uma pessoa que teve um importante papel na história da hansenfase no Estado de São Paulo, com reflexos no país inteiro: A Sra. Conceição Santamaria, que por força do desquite do seu casamento, passou a utilizar seu nome de solteira, Conceição

da Costa Neves. Antes ela foi atriz do Teatro de Revista e usava o pseudônimo de Regina Maura.

As minhas lembranças são nebulosas, pois na época eu era criança e não encontrei, neste momento, nenhuma das pessoas que viveram aquela epopéia, tomando parte nos acontecimentos, e a própria Deputada Conceição da Costa Neves, já desencarnou. Portanto, se este livro for lido por alguém que participou desta história e não concordar com a nossa narrativa, que nos desculpe. Tentamos isentar-nos de partidarismos para apenas descrever a história.

Quando terminou a Segunda Grande Guerra em 1945, sabia-se que a ditadura Vargas estava no fim, e, com ela, o autoritarismo, os poderes de polícia da medicina com relação à lepra. Existiam no Estado de São Paulo quatro Asilos Colônias e um Sanatório, o Padre Bento. Posteriormente os Asilos passaram a denominar-se Sanatórios. Nós estávamos internados no Sanatório Cocais, em Casa Branca, desde março de 1944. Os Sanatórios eram tidos por muitos doentes como verdadeiros campos de concentração, onde não haviam direitos e sim obediência, reflexo, talvez, da ditadura.

Lembro-me de que foi o radialista Manoel da Nóbrega, que depois se tornou importante homem da televisão, que começou a falar em favor dos hansenianos, já como deputado à primeira Assembléia Legislativa pós ditadura. Depois de certo tempo ele desistiu da sua campanha e surgiu em cena a Sra. Conceição Santamaria. Ela revelava as mazelas das administrações hospitalares e questionava corajosamente o poderosíssimo Departamento de Profilaxia da Lepra, dirigido pelo Dr. Francisco Salles Gomes. Conceição Santamaria gritava nos programas de rádio e levava a imprensa aos locais onde viviam os doentes, muitos em situação calamitosa. Quando ela marcava uma visita a um Sanatório era um pesadelo para as autoridades.

Na época os hansenianos não podiam votar e ela pediu aos doentes para instarem seus familiares para elegerem-na Deputada Estadual e as nossas famílias corresponderam aos nossos apelos e ela foi eleita. Daí para a frente as suas reeleições era absolutamente certas, pois, além das campanhas em favor da dignidade dos leprosos, como ela preferia chamá-los, ela passou a combater o comunismo. Um forte reforço eleitoral foi a conquista do direito de voto dada aos internados. A única surpresa era saber com quanto votos ela se elegeria, pois nunca mais perdeu uma eleição e só perdeu o mandato de deputada porque foi cassada pela ditadura militar e teve seus direitos civis suspensos por 10 anos.

Seu trabalho não foi recebido pacificamente por todos os hansenianos, pois uma minoria posicionou-se contra ela, especialmente aqueles que gozavam de regalias e privilégios dentro dos sanatórios. Ali havia neutros, colaboracionista da diretoria, que por influência da guerra eram apelidados de Quintas-colunas.

Como eram os pacientes que realizavam quase todos os trabalhos de manutenção e produção dos Sanatórios, os doentes rebelados tentavam greves que eram

reprimidas imediatamente com a prisão dos líderes e transferências destes para sanatórios de outras regiões. Os melhores esportistas internados recusavam-se a praticar esportes e em muitos casos as autoridades requisitaram policiais militares para manter a ordem, mesmo que à força.

A deputada mantinha um programa de rádio na capital paulista, onde denunciava a situação absurda vivida pelos hansenianos e em alguns hospitais, como Cocais, por exemplo, na hora do programa a luz elétrica era cortada e como não havia rádios de pilhas naquela época, ficava-se sem saber as notícias veiculadas pela Deputada.

Esta situação coincidiu com a chegada da Sulfona ao Brasil e a melhoria das condições dos pacientes, o que apressou algumas altas hospitalares de líderes do movimento que incomodavam a diretoria. Prisões arbitrárias, castigos diversos foram instrumentos da situação, até mesmo mortes aconteceram, inclusive um assassinato em Pirapitingui, quando um doente, que exercia poder de polícia, atirou em outro paciente. Contam que este mesmo paciente invadiu os estúdios de uma emissora onde a Deputada realizava um programa e atirou nela, errando o alvo por poucos centímetros.

Em junho de 1948 fomos transferidos com todas as crianças do Sanatório Cocais, para o Sanatório Padre Bento, para ficarmos sob a proteção médica e educacional do Dr. Lauro de Souza Lima, o nosso querido Samaritano, e ali pouco sabíamos dos acontecimentos deste movimento de rebelião dos hansenianos, pois estávamos no Pavilhão de Menores, sob proteção especial. Além disso, o movimento no Sanatório Padre Bento não atingiu o mesmo clímax dos demais, pois era um Sanatório especial, embora pela falta de vagas, alguns casais morassem em habitações inadequadas, como sob as arquibancadas do campo de futebol.

Com as altas hospitalares dadas em grande número, um forte problema social formou-se aqui fora. Como colocar profissionalmente os pacientes que precisavam trabalhar? Como atender as necessidades sociais daqueles que não podiam trabalhar ou que não tinham onde morar? Por causa destes problemas a Deputada fundou a Associação Paulista de Assistência ao Doente de Lepre, entidade ainda existente, mas cujo nome adequou-se aos novos tempos, passando a denominar-se Associação Paulista de Assistência ao Portador de Hanseníase.

Além da ajuda em dinheiro até compra de móveis, pagamento de aluguéis ou pensão, a Associação esforçava-se para colocar profissionalmente os pacientes com condições de trabalhar.

Através de projetos de leis ela conseguiu um pensão mensal aos egressos dos Sanatórios que eram considerados inválidos. Lógico que como em tudo em que os seres humanos estão envolvidos, existiram fraudes que deram pensão a pessoas capazes para o trabalho.

Outro trabalho preponderante da Deputada era no orçamento estadual, pois,

invariavelmente ela conseguia verbas polpudas para os hospitais de hansenianos, como, também, a suplementação de verbas quando necessárias.

Tivemos dois contatos pessoais com a Deputada Conceição da Costa Neves, a primeira quando ainda criança - creio que na primeira metade de 1948, quando, numa visita a Cocais, acompanhamos a sua comitiva que visitava doentes mais graves e ela verificava as péssimas condições alimentares e de tratamento. Lembro-me ainda, que, passando por mim, ela disse que eu era bonitinho e afagou-me a cabeça, fazendo ligeiro cafuné. Depois, já em 1966, ou 67, quando já liderávamos alguns movimentos de direitos dos hansenianos e havíamos fundado com muitos companheiros a Sociedade Fraternal Padre Bento, sendo o seu primeiro presidente e o sócio número 1 (A Sociedade passou a denominar-se Lauro de Souza Lima, após de desencarnação do extraordinário médico e humanista), tivemos uma audiência com a Deputada, juntamente com uma comissão da nossa sociedade. Ela já estava um tanto magoada com os seus beneficiados, porque, segundo a opinião de vários hansenianos, ela exigia fidelidade, gratidão e obediência.

Ela teve uma atuação polêmica na política, e as suas brigas com o Deputado Padre Calazans, foram memoráveis e certamente estão registrados nos anais da Assembléia Legislativa de São Paulo. Outra das suas brigas formidáveis foi com o Coronel Fontenele, trazido do Rio de Janeiro para endireitar o trânsito de São Paulo. Embora ela fosse uma dama, esquecia-se dessa condição sempre que ofendida ou provocada.

Alguns de seus adversários afirmavam que ela fora oportunista, pois as condições da profilaxia da lepra seriam mudadas mais cedo ou mais tarde, por força das coisas. O mesmo falaram da descoberta da América, o que suscitou o famoso episódio do ovo de Colombo.

Creio que por ser criança não compreendi muita coisa que se passou naquela conturbada época, mas vi remoções forçadas, soube da invasão de lares dentro dos Sanatórios, prisões arbitrárias em cadeias que não ficavam nada a dever às cadeias das grandes cidades. Vi cassações dentro dos Sanatórios, como, por exemplo, a do primeiro presidente da Caixa Beneficente de Cocais, eleito democraticamente pelos internados, associados naturais da Caixa Beneficente, e que tinha, por coincidência, o sobrenome Souza Lima, e o prénomome Hercílio, cassado por decisão do diretor do Hospital, sendo colocado no cargo um homem de confiança do diretor, e que havia perdido a eleição.

Recebi alta hospitalar em 1951 e fui morar em Tupaciguara-MG; retornei a São Paulo em 1953 e fui ajudado pela Associação de Assistência ao Doente de Lepra, até que organizasse minha vida.

Houve erros da Deputada? certamente que sim, mas foram também, erros e interesses de alguns hansenianos que a cercavam constantemente, dando-lhe, talvez, uma assessoria errada.

De qualquer forma este livro é uma homenagem, também a ela e a muitos médicos e funcionários que passaram pelo Departamento de Profilaxia da Lepra, órgão já extinto há muito tempo. Alguns exerceram funções humildes, mas sempre foram amigos dos hansenianos. Citar- lhes os nomes é impossível, portanto, homenageamos a todos eles, com muito carinho.

Entretanto, a nossa maior homenagem é para os hansenianos de todos os tempos, especialmente os que, de alguma forma, influenciaram a minha vida. Como espírita não encaro a hanseníase como punição, ou apenas como ressarcimento de dívida de outras vidas, mas como um privilégio. Para mim esta jornada foi uma epopéia e sinto-me compensado por ter tomado parte como paciente e como agente modificador da sociedade nesta epopéia. Nesta reencarnação obscura e pobre, acredito que a hanseníase e o Espiritismo são meus tesouros inestimáveis, na busca do aperfeiçoamento.